

MEMORIA  
APRESENTADA À  
L'UNIVERSITÉ DU QUÉBEC À CHICOUTIMI  
COMO EXIGENCIA PARCIAL  
DO MESTRADO EN EDUCACAO

POR  
GENIVALDO DO NASCIMENTO

LETERATURA DO CORDEL NO ESPAÇO ESCOLAR EN PETROLINA-PE : UMA  
RELAÇÃO MARCADA POR CONFLITOS

NOVEMBRO 2002



### Mise en garde/Advice

Afin de rendre accessible au plus grand nombre le résultat des travaux de recherche menés par ses étudiants gradués et dans l'esprit des règles qui régissent le dépôt et la diffusion des mémoires et thèses produits dans cette Institution, **l'Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** est fière de rendre accessible une version complète et gratuite de cette œuvre.

Motivated by a desire to make the results of its graduate students' research accessible to all, and in accordance with the rules governing the acceptance and diffusion of dissertations and theses in this Institution, the **Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** is proud to make a complete version of this work available at no cost to the reader.

L'auteur conserve néanmoins la propriété du droit d'auteur qui protège ce mémoire ou cette thèse. Ni le mémoire ou la thèse ni des extraits substantiels de ceux-ci ne peuvent être imprimés ou autrement reproduits sans son autorisation.

The author retains ownership of the copyright of this dissertation or thesis. Neither the dissertation or thesis, nor substantial extracts from it, may be printed or otherwise reproduced without the author's permission.

UNIVERSIDADE DO QUÉBEC-CHICOUTIMI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, MESTRADO E  
DOUTORADO  
NÚCLEO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO EM PESQUISA

LITERATURA DE CORDEL NO ESPAÇO ESCOLAR EM PETROLINA-PE:  
Uma relação marcada por conflitos

Orientadora:  
Profª Doutora Arlinda Paranhos Leite Oliveira

Co-orientadora:  
Profª Doutora Marta Elisa Anadón

Mestrando:  
Genivaldo do Nascimento

## RECONHECIMENTOS

A todos os poetas populares, heróis da resistência e eternizados nos versos abaixo de Patativa do Assaré:

Neste estilo popular  
Nos meus singelos versinhos,  
O leitor vai encontrar  
Em vez de rosas espinhos  
Na minha penosa lida  
Conheço do mar da vida  
As temerosas tormentas  
Eu sou o poeta da roça  
Tenho mão calosa e grossa  
Do cabo da ferramenta.

A Leni, amante-esposa-parceira; Brenda Mércia, minha filha e meu maior tesouro; pais e irmãos; aos amigos de infância de Rajada, lugar onde aprendi a gostar do cordel; aos colegas do Departamento de Comunicação e Expressão da Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (Universidade de Pernambuco); ao Geo Petrolina, uma das minhas casas; às pacientes e competentes professoras Doutoradas Arlinda Paranhos e Marta Anadón, minhas orientadoras; a Deus, nosso-tudo.

## SUMÁRIO

RECONHECIMENTOS.....	I	
RESUMO.....	II	
INTRODUÇÃO.....	6	
CAP. I- PROBLEMÁTICA		
1.1.CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO.....	9	
1.2.PROBLEMA.....	52	
1.3.OBJETIVO.....	55	
CAP. II-QUADRO TEÓRICO		
2.1.LOCAL E GLOBAL NO COTIDIANO ESCOLAR.....	57	
2.2.O PAPEL DO MATERIAL DIDÁTICO NO COTIDIANO ESCOLAR.....	62	
2.3.A CULTURA NORDESTINA NA LITERATURA.....	67	
2.4.CORDEL COMO TEXTO.....	84	
2.5.ERUDITO E POPULAR NA SALA DE AULA.....	86	
CAP. III-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS		
3.1. A ESCOLHA DO MÉTODO.....	94	
3.2.OS SUJETOS-PARTICIPANTES.....	96	
3.3.AS TÉCNICAS.....	98	
CAP. IV- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS		
4.1.O CONHECIMENTO SOBRE O CORDEL.....	103	
4.2.CORDEL: DO CONHECIMENTO À PRÁTICA.....	109	
CAP. V-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		114
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	121	
LIVROS DE CORDEL CONSULTADOS.....	124	
ANEXOS.....	126	

## RESUMO

Esta pesquisa trata da literatura de cordel no espaço escolar na cidade de Petrolina, Sertão de Pernambuco. Este trabalho, tendo como ponto de partida os estudos realizados até agora sobre essa manifestação artístico-cultural nordestina, investiga a principal causa de exclusão do cordel nas escolas.

No primeiro capítulo, é feita a descrição dos principais estudos já desenvolvidos sobre a literatura de cordel. É estabelecida, então, uma discussão sobre a possível morte desse tipo de texto, bem como as atuais condições de leitura e produção dessa manifestação cultural nordestina.

Assim, o cordel é visto neste trabalho como um texto que é produzido, sendo resultado de longo processo social. Questiona-se, então, por que, sendo um texto que veicula saberes, não é aceito pela escola.

No segundo capítulo, focalizam-se os principais temas referentes ao conceito de texto, cultura, identidade cultural, erudito e popular.

Nos capítulos seguintes, é apresentada a metodologia, apoiada na pesquisa-ação e é feita a análise dos dados, tendo como norte a interpretação qualitativa.

Nas considerações finais, este trabalho indica que o cordel é excluído do espaço escolar por vários motivos. Entre eles, o maior é falta de reconhecimento dos professores sobre esse tipo de texto. Assim, os educadores, principais mediadores do processo educativo ficam impossibilitados de usar essa literatura nas atividades de sala de aula.

## ABSTRACT

This research talks about Cordel Literature in the educational space in Petrolina City, Pernambuco Backwoods. This work considered as a starting point the studies carried out so far about this northeastern culture-artistic demonstration, investigates the main cause of Cordel exclusion in the schools.

In the first chapter, the description of the main studies already developed about Cordel literature is made. Thus, we establish a discussion about the possible death of this kind of text, as well as the current conditions of reading and production of this northeastern culture demonstration.

Thus, Cordel is seen in this work as a text which is made, as a result of long social process. It is asked why this text which convey know ledges isn't accepted by the school.

In the second chapter, we focus on the main themes about the text concept, culture, culture identity, classical and popular.

In the following chapters, the methodology is presented, supported in the action-research and the analysis of datas is made, as a result the north the qualitative interpretation.

In the final considerations, this work indicates that Cordel is excluded from educational space for several motives. Among them, the biggest one is the lack of knowledge of the teachers about this kind of text. Thus, the teachers, the main conductors of the education process are disable to use this literature in the activities in the classroom.



## INTRODUÇÃO

O mito refere-se a narrativas heróicas, com forte significação simbólica. A lenda, do latim *legenda*, significa coisa que deve ser lida, um relato de caráter maravilhoso em que os fatos, já grandes por natureza, são potencializados pela imaginação popular. A fábula é uma ficção breve, podendo ser em versos ou em prosa e tem como característica principal um julgamento de valor. Já o conto de fadas é um relato caracterizado pela ação de seres, objetos e lugares sobrenaturais, com fadas, bruxas, príncipes, princesas e reinos encantados. Todas essas características, as do mito, da lenda, fábula e conto de fadas podem ser percebidas numa expressão artístico-cultural produzida no Nordeste brasileiro, a literatura de cordel.

Em “História da Princesa da Pedra Fina”, de Gregório Nicoló, por exemplo, percebem-se muitas dessas características. Contendo traços que retomam elementos da narrativa mitológica grega (Eros e Psique) e de trechos bíblicos, esse livro conta a história épica de José, um dos três filhos de um agricultor pobre. O jovem, quando estava na roça, desejou ver as pernas da princesa da Pedra Fina, nome do reino em que vivia. Os outros irmãos desejaram comer banana e feijão.

Por ter tal desejo, impossível de ser realizado por um simples plebeu, José levou uma surra do seu pai, pois este temia pela vida de seus protegidos. Com esse castigo, o pai de

José disse implicitamente que ele deveria sonhar como seus irmãos (comer banana e feijão). Revoltado, o jovem vai embora e nas suas aventuras termina encontrado a princesa e, depois de cumprir tarefas aparentemente impossíveis, José se casa com ele e se torna rei.

Após muitos anos, sua família passava por seu reino como prisioneiros. Ele ordena que todos sejam levados ao palácio e oferece para os dois irmãos banana e feijão. É a simbologia de que a felicidade depende dos desejos construídos. José perdoo o pai e todos moram juntos no palácio e foram felizes para sempre.

O cordel é, portanto, um texto que é resultado da junção de outros tipos de narrativa. Considerando que ele é um texto, a inquietação está no fato de a escola recusar tal tipo de literatura no desenvolvimento de suas atividades cotidianas, pois o cordel só entra maioria das escolas em eventos esporádico como gincanas e semana da cultura.

Esse é o ponto que norteia este trabalho: a relação existente entre o cordel e a escola. A indagação foi: Por que o cordel, texto que veicula saberes, é recusado pela escola como material de apoio, uma vez que a escola é o espaço de construção/reconstrução desses saberes?

Inicialmente, este trabalho retoma os principais estudos já realizados até agora sobre essa centenária manifestação artística que já faz parte do universo da cultura brasileira, especificamente da nordestina. No primeiro capítulo, existe a descrição da forte influencia

européia, por causa da origem portuguesa. Há também as muitas mudanças pelas quais o cordel passou, tanto na estética como na maneira de ser divulgado/comercializado.

## CAP. I – PROBLEMÁTICA

### 1- CONTEXTUALIZAÇÃO: CORDEL, TEXTO QUE VEICULA SABERES

A literatura de cordel tem raízes na Idade Média e liga o Nordeste ao passado, mais precisamente à Península Ibérica. Para Albuquerque Júnior.,

O cordel é uma forma adequada para se representar um espaço onde não existiriam fronteiras entre o real e o imaginário, entre o sentimental e o antipoético; entre o divino e o pagão; entre o trágico e o cômico; entre a loucura e a razão (1999, p.85).

O cordel, produzido no Brasil principalmente na Região Nordeste, é multifacetado e atravessado por diversos temas, sem que um se torne mais importante que outro. Nas narrativas desse tipo de literatura, é possível encontrar referências desde assuntos financeiros, como a Lei de Responsabilidade Fiscal, planos econômicos, carestia inflação a outros de ordem moral e/ou histórica, como os livros que narram a chegada de Lampião no inferno, o comportamento das mulheres, o heroísmo dos vaqueiros e as profecias do Padre Cícero.

Fala-se muito, com base no senso comum, na morte da literatura de cordel no Brasil. Em jornais, revistas e artigos diversos, percebe-se a afirmação de que esse tipo de texto que já faz parte, há mais de um século, do universo cultural nordestino, não durará mais de uma década e que só será possível encontrar esse tipo de literatura nas mãos de colecionadores ou expostos em museus.

O argumento utilizado para a construção dessa opinião é a quantidade de livros desse tipo de literatura hoje comercializada. Ela é infinitamente inferior à de décadas atrás e quase não se encontram mais os famosos folhetos expostos, à venda, nas feiras livres, tendo um violeiro ao lado contando as histórias do Boi Leitão, Pedro Malazarte, Frei Damião, as profecias de Padre Cícero e a chegada de Lampião no Inferno (ou no Céu).

A afirmação corrente é a de que a literatura de cordel no Brasil terá o mesmo destino que teve em outros países em que era produzida e já não é mais, a exemplo de Portugal, Espanha e França. No entanto, aqui no Brasil, principalmente no Nordeste, essa centenária manifestação artístico-cultural ainda é feita, mesmo em menor escala do que há cinquenta anos.

Em Fortaleza, existe um movimento muito forte de produção e leitura de cordel. Há uma editora especializada na publicação desse tipo de literatura e muitos autores nordestinos procuram essa cidade para a comercialização de suas obras. Em Pernambuco, nas cidades de Bezerros e Caruaru, é possível encontrar, com relativa facilidade, os folhetos de cordel expostos nas feiras. Já em Maceió, os livros de J. Borges são vendidos nas duas principais feiras de artesanato. Em Salvador, em frente ao mercado Modelo, existe uma banca em que o cordel é o principal produto de venda.

Assim, considera-se neste trabalho que a literatura de cordel não está morrendo, como o senso comum afirma. É lícito considerar que ela passa por um momento de transição (Curran, 2001: 15), pois atravessa mais um ciclo, depois de passar por tantos outros durante sua existência.

È fato que nas últimas décadas a literatura de cordel sofreu altos e baixos na sua produção. Isso porque o Brasil (o Nordeste principalmente) sofreu transformações sociais que afetaram diretamente a maneira de se fazer esse tipo de manifestação artístico-cultural. Porém, ainda se produz cordel no País, especificamente no Nordeste e no Sudeste, principalmente em São Paulo, cidade para a qual migraram centenas de nordestinos.

Assim, o cordel sobrevive no Brasil como expressão literária única no mundo, pois tem estética, linguagem, universo temático e divulgação próprios, encontrados somente aqui. Um tipo de literatura popular que se modificou conforme o momento histórico. Uma manifestação artística constituída de autores, temas e leitores nordestinos, ou seja, uma literatura feita por e para o povo do Nordeste.

Com mais de cem anos de existência, esse tipo de literatura teve nos paraibanos Leandro Gomes de Barros e Chagas Batista seus primeiros expoentes aqui no Brasil. O primeiro é considerado o maior de todos os tempos em criatividade, organização técnica e comercialização dos livros. Os temas de seus livros estão voltados para a tradição portuguesa com suas histórias clássicas. Era constante, também, em suas obras a crítica social aos costumes da época. Já, em Chagas Batista, não se percebe o mesmo rigor técnico, mas ele foi importante na divulgação da literatura de cordel. Os temas de seus livros estão voltados para os acontecimentos do seu tempo, como a descrição das aventuras de Antônio Silvino e o horror da Primeira Guerra Mundial.

Outro autor que se destaca nesse primeiro momento da produção de cordel é João Melchíades Ferreira da Silva, também da Paraíba, estado que é considerado o berço da produção da poesia popular nordestina, pois foi lá que nasceram os primeiros

cantadores (violeiros, repentistas), Ugulino de Sabugi e seu irmão Nicandro, filhos de Agostino Nunes da Costa. Os três formam a família de poetas que criaram a estética que se conhece hoje.

A importância de Melchiades reside no fato de ele ter registrado, à luz de seu olhar, obviamente, os acontecimentos que marcaram a Guerra de Canudos, evento-chave para a compreensão da História do Brasil. Ele produziu livros de cordel também sobre a Primeira Guerra Mundial, os impostos do governo e os missionários protestantes nordestinos. Porém, é sobre a Guerra de Canudos que ele se destaca porque participou ativamente dela, pois era soldado. Ele produziu tal obra quando já estava aposentado dos serviços militares. <sup>1</sup>

O paraibano João Martins de Atayde e o alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante foram os maiores empresários de cordel. O primeiro teve uma atuação muito forte assim que o cordel começou a ser produzido. Em Recife-PE, comprou uma gráfica e adquiriu os direitos autorais sobre os livros de Leandro Gomes de Barros. O domínio empresarial de Atayde durou mais de trinta anos, até meados de 1949, quando vendeu seu patrimônio a José Bernardo da Silva, em Juazeiro do Norte - CE. O segundo atuou, com destacada liderança, de 1955 até o fim da década de 80, período em que morreu.

Já Patativa do Assaré, autor de destacada posição entre os demais por construir poemas bem feitos tecnicamente e com um tom de crítica social, produziu seus versos na Serra de

1- O ano de referência à citação dos autores de cordel não aparecerá neste trabalho porque essa informação não consta nos folhetos, todos trazem na contracapa a expressão "sem data". Ressalte-se que a literatura de cordel traz como uma das suas singularidades a não apresentação/formalização do trabalho científico tradicional. São textos produzidos a partir da vivência dos autores e leitores e têm uma estrutura diferenciada da literatura convencional.

Santana, Ceará, onde morreu com 92 e dois anos. Parcialmente cego, não escrevia seus poemas. O processo realizado por ele consistia na memorização da estrutura da obra e logo em seguida pedia para alguém escrevê-la.

Considerado por muitos não como um cordelista, mas um poeta da oralidade, Patativa já foi objeto de diversos trabalhos de pesquisa que têm como eixo norteador a investigação sobre um aspecto sempre presente nas obras desse cearense: a denúncia das injustiças sociais sofridas pelos integrantes das minorias brasileiras, especialmente o sertanejo nordestino e os índios.

Esse autor defende a socialização das riquezas em seus poemas, construídos numa perspectiva que apontam para atribuir a culpa dos problemas sociais não a Deus, como muitos sertanejos o fazem, mas aos homens ricos, detentores únicos do capital.

Essa postura é percebida em “A morte de Nanã”, poema em que ele descreve as circunstâncias da morte de sua filha (fictícia, claro) e emite seu olhar sobre os efeitos da seca, fenômeno de grande repercussão social no Nordeste há vários séculos :

Pelo terrêro corria,  
Sempre sirrindo e cantando,  
Era lutrida e sadia,  
Pois, mesmo se alimentando  
Com feijão, mio e farinha,  
Era gorda, bem gordinha  
Minha querida Nanã,

Tão gorda que reluzia.  
O corpo parecia  
Uma banana maçã.  
(...)

Nanã foi, naquele dia,  
A Jesus mostrá seu riso  
E omentá mais a quantia



Dos anjo do Paraíso.  
Na minha imaginação,  
Caço e não vejo expressão  
Prá dizê como é que fico,  
Pensando naquele adeus  
E a curpa não é de Deus  
A curpa é dos home rico.

Esses e outros autores de literatura de cordel têm seus livros constantemente reeditados por causa do grande sucesso que alcançam seus poemas. É o caso de Zé Vicente com livros como “A greve dos bichos”, “O Brasil rompeu com eles”, “Peleja de Chico Raimundo e Zé Mulato”, “Combate e morte de Lampião” e “O golpe de seu Gegê ou O choro dos deputados”; Manoel Caboclo e os livros “Jesus, São Pedro e o ferreiro Rei dos jogadores”, Adalberto e Alzenira ou o Casamento no céu”, O valente Cascavel do sertão alagoano”; Expedito Sebastião da Silva e as histórias “Verdades incontestáveis ou A voz dos romeiros”, “As aventuras de Lulu na cidade de São Paulo”, “Adriano e Joaninha” e “O Lobo do Amazonas ou Lindomar e Jacira” e Cuíca de Santo Amaro, o trovador-repórter, com livros como “O homem que virou esqueleto de tanto esperar o ruído do telefone”, “A mulher que deixou o marido desarmado”, “A vingança do homem de Brotas” e “A chegada de Hitler no inferno”.

Esses são apenas alguns autores da literatura de cordel que estão sendo lidos/analizados por um público cada vez mais diversificado. A intenção aqui, ao descrevê-los rapidamente, é apresentar a produção desse tipo de literatura a partir de questionamentos do tipo: quem produz? Por quê? De que forma? Onde? Para quem? Essas perguntas são importantes para a contextualização dessa pesquisa.

Dessa forma, deve ser enfatizado que a literatura de cordel é produzida, portanto é um tipo de texto que faz parte do cotidiano literário nordestino. Obviamente o conceito de produção, neste trabalho, enquadra-se na possibilidade de reimpressão das obras desses e de outros autores da literatura de cordel, embora a maioria ainda continue desconhecida dos brasileiros.

Além dos autores, parece-nos adequado situar outros elementos relacionados à produção- socialmente construída- do cordel no Brasil. Fatores como impressão, comercialização, público leitor e veículos de comunicação são fundamentais para a compreensão do estágio atual dessa literatura.

A maneira como se processava a impressão dos livros de cordel e como estão sendo impressos hoje faz com que muitos acreditem na morte desse tipo de manifestação artístico-cultural nordestina. Assim que surgiu (Século XIX), durante as décadas iniciais, o cordel foi impresso em tipografias que, quase sempre, pertenciam ao próprio autor. Com o passar do tempo, surgiram empresários do ramo que tinham como atividade única a impressão e venda de tais livros. Pode-se dizer que houve a construção de caminhos idênticos aos da produção da literatura convencional.<sup>6</sup>

A sistematização desses caminhos da produção de cordel consistia em alguns momentos. Primeiro o autor produzia o livro, desde que o assunto fosse de interesse do público leitor, como assinala Diegues Júnior (1986):

Alguns autores mais inteligentes transformaram-se no registrador daquilo que os cantadores disseram em seus desafios ou em suas noites de cantoria; e desse registro saem as pelejas, por exemplo; ou saem os romances. Nas feiras, nas festas populares, nas festas de igreja, nas romarias, vão se difundindo, e sua divulgação então alcança grande público. E isso se faz quase de repente. Ou seja: mal acontecido o fato, e logo aparece o folheto contendo a história. Ainda em data recente (1968), menos de quatro ou cinco dias das

enchentes que houve em Pernambuco, e particularmente no Recife, aparecia o folheto que narra o fato: *As Cheias do Interior e as Inundações do Recife*".(pág.172-173).

Em suas considerações, Diegues Júnior fala da tradição oral. O cordel tem raízes na oralidade que se materializava, como ainda acontece, nas cantorias. Eram os cantadores os responsáveis pela divulgação das histórias tradicionais portuguesas que remontavam à Idade Média. O cordel, portanto, começou a ser produzido nos moldes dessas cantorias, mesmo porque a tecnologia que possibilitava a impressão de livros chegou bem depois delas. Assim, a literatura de cordel, produzida em larga escala, principalmente na Região Nordeste, tinha uma ligação forte com as cantorias.

Outro aspecto que se destacava nesse primeiro momento era o material. Frágil, em pouco tempo se deteriorava. Nesse sentido, parece possível estabelecer mais um paralelo com as cantorias. Esse caráter efêmero efêmero é encontrado tanto na fala dos cantadores quanto no papel utilizado pelos cordelistas. Todos, papel e fala, perdem-se, de forma inexorável, ao longo do tempo. Alguns atribuem a morte do cordel a essa efemeridade da produção e na maneira de distribuir tal produto.

Os livros de cordel começaram a ser produzidos e distribuídos em vários países, especialmente na França (colportage ou cannard), na Espanha e em Portugal (folhas soltas ou literatura de cego, respectivamente). No Brasil, os primeiros exemplares desse tipo de literatura chegaram na segunda metade do século XVIII trazidos pelos portugueses que vieram morar aqui.

No século seguinte, surgiram várias tipografias no Brasil. Com esse fato, foi possível reimprimir livros de cordel produzidos em outros países, principalmente em Portugal. O

ou literatura de cego, respectivamente). No Brasil, os primeiros exemplares desse tipo de literatura chegaram na segunda metade do século XVIII trazidos pelos portugueses que vieram morar aqui.

No século seguinte, surgiram várias tipografias no Brasil. Com esse fato, foi possível reimprimir livros de cordel produzidos em outros países, principalmente em Portugal. O cordel começa, então, a ter forma como o conhecemos hoje. O público leitor aumentou, diversificou-se e esse tipo de literatura se tornou um pouco mais conhecido entre os brasileiros.

Tempos depois, impulsionados pelos cantadores nordestinos, nasceram os primeiros exemplares produzidos por brasileiros e voltados para nossa realidade. Mesmo transportando temas/personagens de outros países, esses autores ambientavam a seqüência narrativa com traços nordestinos (nomes de personagens, fenômenos naturais, conflitos envolvendo pessoas importantes do Brasil).

Com essa produção, nascem os espaços apropriados para a distribuição do cordel: os mercados, as feiras-livres e naqueles em que havia cantorias. Era comum o próprio autor “cantar” o cordel nesses locais. Neles, o escritor-comerciante amarrava um cordão (daí o nome cordel) entre dois caixotes e fazia a exposição de seus cordéis, muitas vezes ao som da viola do cantador (ele mesmo sendo um deles em muitos casos).

Desses espaços, a feira-livre se constituiu na casa perfeita para o cordel. Os dois, feira e cordel, juntaram-se ao poeta e ao leitor e estava formado um sistema complexo de elementos com muitos aspectos em comum. Todos tinham a representatividade máxima do Nordeste brasileiro. Na feira, o cordelista encontrou, reunidos em um espaço só, os leitores

para os seus livros. Pessoas que encontravam a identificação de sua subjetividade nos versos escritos e cantados pelo cordelista porque este materializava, em suas obras, a trajetória de Lampião, os milagres do Padre Cícero, a relação SatanásX Deus, a seca, o sofrimento do sertanejo e tantos outros assuntos tão familiares para o nordestino, atualmente principal leitor desse tipo de texto.

O público-leitor da literatura de cordel, assim que ela surgiu, era constituído por pessoas escolarizadas. Era, portanto, um produto direcionado para a elite intelectual. Em tempos remotos, quem lia as folhas soltas, protótipo do cordel contemporâneo, eram aqueles que viviam no que se convencionou chamar hoje de classe média. Mesmo porque as classes populares estavam distantes dessa leitura por causa do grande índice de analfabetismo que sempre existiu no Brasil. Assim, o cordel surgiu como um texto voltado para os mais ricos, principalmente na fase em que era feita a reimpressão desse tipo de literatura vinda de Portugal.

Quando o cordel começou a ser impresso e não mais reimpresso, surgiram os poetas populares. Foi quando surgiu também outro tipo de leitor ou ouvinte, co-autor desses textos: o integrante das classes menos favorecidas economicamente, tanto o da zona rural quanto o do espaço urbano, conforme assinala Abreu(1993):

Na zona rural, os folhetos eram consumidos em engenhos, em pequenas propriedades e em fazendas de gado do sertão. Não só os trabalhadores e moradores interessavam-se pelos folhetos, também os fazendeiros patrocinavam cantorias e liam - ou faziam ler- as histórias. A temática dos folhetos interessava ao público rural e urbano, mesmo porque, no início do século, as distinções entre campo e cidade não eram tão marcadas no Nordeste. Apesar de o público pertencer, predominantemente, às classes populares, setores das classes dominantes interessavam-se pelos folhetos, pois, apesar das diferenças econômicas, estavam também imersos numa cultura oral e tinham como uma das principais fontes de lazer as histórias narradas nos folhetos (pág.173).

Diante desse resumido quadro de elementos (autores, impressão, distribuição e leitores), é possível pontuar alguns aspectos que atravessam a literatura de cordel contemporânea, como autores, impressão, distribuição e leitores, como possibilidade de corte nessa discussão, uma vez que se tornou inviável elencar todos os aspectos relacionados ao cordel por causa da complexidade do tema. Dessa forma, o estágio atual é um momento de transição pelo qual passa a literatura de cordel no Brasil.

Atualmente não há muitos autores de cordel. Um aspecto econômico está ligado a essa queda na produção desse tipo de literatura. Percebe-se que a venda ficou mais difícil por causa da concorrência de outros produtos. Outro fator é social. As gerações mais recentes não se interessam para escrever esse tipo de texto.

Esses fatores são apontados como principais causas da iminente morte do cordel. Em Pernambuco, há alguns cordelistas apenas em Caruaru. Esse estado, inclusive, já foi um dos maiores espaços de produção e comercialização de cordel no Brasil. Atualmente, nele existem apenas um artista que se destaca, J. Borges. Ele produz cordel e xilogravuras que são vendidas dentro do próprio Estado e em outras regiões do País. 2

---

2-A xilogravura é uma técnica muito antiga de pintar e desenhar figuras/temas. Ela foi muito importante para o desenvolvimento do cordel brasileiro, pois ilustrava as capas dos livros. Hoje dificilmente é utilizada no cordel. Alguns autores acreditam na sua sobrevivência independente do cordel.

Em J. Borges, é possível perceber uma visão, mesmo que parcial, das mudanças que ora ocorrem na literatura de cordel. Recentemente, há apenas alguns anos, ele criou o gênero “ historinhas de cordel para crianças”. São narrativas com aspectos elaborados para agradar

o público infantil, como a letra grande e poucas páginas, entre quatro e oito. Para esse cordelista, as crianças de hoje não têm muita paciência para ler um livro de letra pequena ou com muitas páginas. Além disso, ele tenta passar ensinamentos para elas nos seus livros porque acha que cordel também serve para educar.

Alguns aspectos se destacam na postura desse autor. Primeiro é evidente a preocupação em atender às necessidades de um público determinado, o infantil, mudando algumas características do cordel tradicional, como se percebe no livro “ o homem da tapioca”.

Nessa história, J. Borges trabalha com alguns mitos da cultura brasileira, como a imagem do português “burro”. Em relação a esse aspecto, o tom jocoso é o mesmo percebido no cotidiano brasileiro quando o assunto é falar mal do povo português, nossos colonizadores.

Outro aspecto que parece merecedor de análise é o comercial. A idéia de que um livro pequeno, com poucas páginas agradará ao público infantil é transportada da indústria cultural, pois foi concebida pelo setor gráfico produtor da literatura convencional.

Interessante, também, o que é colocado na contra-capa do livro. O autor descreve um pouco a literatura de cordel, fala do seu nível de escolaridade, dez meses, ou seja, baixo, como o da maioria dos cordelistas, e recomenda às futuras gerações um zelo maior por essa

manifestação artística secular no Brasil. É latente a preocupação do autor em aproveitar seus livros para divulgar o cordel.

Essas mudanças processadas por J.Borges (gênero voltado para a criança, com letra maior que a usual, temas do cotidiano brasileiro, estrutura narrativa de fácil assimilação e poucas páginas) não representam a morte do cordel. Pelo contrário, apontam numa perspectiva de renascimento ao se adaptar às novas exigências contemporâneas. É o que se percebe no fragmento do livro desse autor em que essas transformações estão materializadas.

#### O POETA ACONSELHA AS CRIANÇAS

A deusa da poesia  
Sempre me manda lembranças  
E por está preocupada  
Já perdendo as esperanças  
Mandou que fizesse uns versos  
Aconselhando as crianças

A criança ao amanhecer  
Deve limpar bem os dentes  
Ouvidos, nariz e olhos  
Que são hábitos bem decentes  
E quem faz assim são  
As crianças inteligentes

Obedecer ao Pais  
A os professor também  
Considerar os mais velhos  
Como pessoas de bem  
E manter preconceitos  
Com idosos não convém  
(p. 1)



A narrativa desse livro, feito com quatro páginas, é caracterizada pelos conselhos de uma pessoa mais velha. Percebe-se explicitamente a influência da igreja católica nesse discurso, o que não é novidade nas produções do cordel contemporâneo, pois ela já existia desde o surgimento desse tipo de literatura. Porém, o público-alvo, as crianças, é uma mudança, uma vez que a produção cordeliana sempre teve como leitor principal o adulto sertanejo.

Além de J. Borges, há autores produzindo literatura de cordel em todo o Nordeste, especialmente no Ceará, Pernambuco, Bahia e Paraíba. Os temas ainda continuam variados. Abordam desde as questões morais, como esse que acabamos de ler, à política e acontecimentos históricos.

Assim, é precipitada a conclusão de algumas pesquisas que indicam o fim do cordel tendo como causa principal a queda na produção dos cordelistas. Além deles, há autores que publicam suas obras também pela internet e isso está contribuindo para a sobrevivência do cordel nos tempos atuais.

Outro aspecto que norteia a discussão sobre o tema “morte do cordel” é a distribuição dos livros. Afirma-se, com base no senso comum, que não existem mais lugares em que o cordel é oferecido como produto.

Nesse sentido, a utilização dos espaços em que é feito produz a idéia do fim do cordel. O Mercado São José, em Recife, foi o maior centro de distribuição de cordel há algumas décadas. Atualmente, só é possível encontrar apenas uma banca de camelô, do lado de fora desse mercado, vendendo livros de cordel, mesmo assim misturados às revistas eróticas e de moda.

Na capital pernambucana, na Casa da Cultura, um dos principais pontos turísticos da cidade, só existe uma banca vendendo cordel e estava localizada no corredor, numa simbologia de não-aceitação conferida, normalmente, a um elemento marginalizado.

Essa mesma postura, a de expulsar o cordel, é encontrada em Salvador. Na capital baiana, no Mercado Modelo, grande centro de atração turística, existe apenas uma banca, do lado de fora, vendendo os livros da literatura de cordel.

Tanto em Recife como em Salvador, a impressão que se tem é que a parte interna dos espaços comerciais e culturais com grande fluxo de pessoas (Mercado São José e Casa da Cultura, em Recife, e Mercado Modelo, em Salvador) está reservada para a comercialização dos produtos convencionais, principalmente aqueles mais comprados pelos turistas estrangeiros. É como se o cordel não fizesse mais parte da rede oficial de transações comerciais.

O comerciante que vende cordel, hoje, é visto como um camelô qualquer. Ele vende esses livros juntamente a outros produtos, geralmente brinquedos importados do Paraguai ou da China, a preços baixos, “populares”, como são definidos. Recai sobre tal comerciante a imagem de pessoa que desempenha uma função sem muita importância, principalmente porque não paga ao poder oficial os impostos pagos por aqueles que ficam do lado de dentro daqueles espaços.

Assim, o cordel também recebe essa carga de pouca importância por ser vendido dessa forma e por tais pessoas. Diferente dos vendedores de cordel há algumas décadas, considerados grandes astros da comunicação que desempenhavam sua função nas feiras do Nordeste.

Percebe-se, portanto, que o cordel está mudando, também, porque os espaços em que ele é comercializado estão sofrendo mudanças. A feira livre, por exemplo, sofreu diversas transformações ao longo dessas últimas décadas. Mudanças profundas que simbolizam os movimentos impostos pelo sistema capitalista.

Os produtos comercializados nas feiras demonstram bem essas mudanças. A enxurrada dos produtos importados da China ou do Paraguai indicam que esses espaços tentam acompanhar essa metamorfose imposta pelo capital.

Além dos produtos, outro aspecto marca a feira livre: a identificação com as classes menos favorecidas economicamente. Enquanto a classe média faz suas compras no shopping, as classes populares compram (quando podem, óbvio) os produtos de cesta básica na feira livre do seu bairro.

Nesse espaço que sofreu transformações, o cordel ainda é comercializado. Porém, bem menos do que era há trinta anos. É comum perceber apenas uma ou duas pessoas vendendo os livros de cordel nas feiras. Em muitas delas, não se encontra nenhum camelô anunciando tal produto. Cada vez mais, o cordel está se tornando difícil de ser comprado, pois até no seu habitat é raramente oferecido como produto comercial como era há algumas décadas.

Uma das causas disso é a mudança sofrida pelo cliente, o antigo leitor. Os interesses dele também mudaram com o tempo. Seus desejos e a relação com o lúdico tiveram forte influência dos meios de comunicação. A constituição do seu aspecto lúdico é feita no contato com a televisão e seus programas, principalmente as telenovelas, pois elas têm o caráter envolvente do folhetim, característica também do cordel.

Percebe-se que o cordel está “mudando de casa”. Se antes era a feira livre, hoje o seu habitat é a universidade, o shopping e a internet. No primeiro espaço, sua estética ainda continua a mesma do cordel tradicional (xilogravura ou desenho na capa, estrofes com a estrutura convencional e impresso no mesmo material frágil). Nos outros, algumas mudanças se processaram, talvez para se adaptar ao ambiente.

Essa “mudança de casa” é emblemática porque o cordel procura novos leitores. A universidade tem uma importância grande nesse processo. Com suas pesquisas, ela fornece um aspecto de legitimidade ao cordel. Por ser considerado por muitos um elemento ainda desconhecido, estranho, o cordel recebe da universidade o carimbo de “produto social, pesquisado, conhecido”. O fato da comercialização na feira ter diminuído não permite considerar como verdadeira a morte do cordel. O que está acontecendo, de fato, são mudanças relacionadas a leitor, produtor e espaços de comercialização.

Quando as livrarias do shopping em Recife-PE comercializam o cordel e isto não acontece nos espaços populares (Casa da Cultura, Mercado São José e Feiras de Artesanato) é porque outros leitores estão a se interessar por esse tipo de livro.

É possível afirmar, também, que a aceitação dessas livrarias para a comercialização de tal produto tem uma relação direta com os estudos desenvolvidos pela universidade porque essa apresenta o cordel como um produto interessante, exótico, portanto, viável para o consumo.

Quanto ao aspecto formal impresso a esses livros, parece lícito afirmar que ele acompanha as evoluções de mercado. É difícil imaginar uma livraria de um shopping

vendendo os livros de cordel do mesmo jeito que o camelô o faz (ou fazia) nas feiras (pendurado em um barbante e amarrado a caixotes).

Além da universidade e do shopping, o cordel está “construindo” outras casas. Uma delas é a internet. Há muitos sites que contam a história desse tipo de literatura e publicam histórias de autores novos e também dos já consagrados, como Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista, Minelvino Francisco Silva e Rodolfo Coelho Cavalcante.

Assim, tendo como corte nessa discussão os elementos aqui citados (leitores, distribuição, espaços e autores), entendemos que o cordel não está morrendo. O que está acontecendo é uma mudança, assim como tantas outras já ocorridas ao longo dos tempos. Depois dessas mudanças, o cordel sempre sobreviveu – como ainda sobrevive – como o que de fato é: um texto, portanto, um produto socialmente construído.

Pode-se dizer que a literatura de cordel é texto, considerando os conceitos atuais da lingüística sobre a textualidade, tal como define Cardoso (2000):

- 1-um locutor (aquele que diz, sua posição sócio-histórica);
  - 2-um alocutário (aquele para quem se diz o que se tem a dizer, sua posição sócio-histórica);
  - 3-um referente (o que dizer, sempre determinado pelos sistemas semânticos de coerência e de restrições);
  - 4-uma forma de dizer, numa determinada língua (é preciso que se escolham as estratégias para se dizer);
  - 5-um contexto em sentido estrito: as circunstâncias imediatas; o aqui e o agora do ato de discurso
  - 6-um contexto em sentido lato: as determinações histórico-sociais, ideológicas, o quadro das instituições em que o discurso é produzido- a família, a escola, a igreja, o sindicato, a política, a informação, a língua etc. (...)
- Essas condições nos levam a poder afirmar que as escolhas de quem diz não são aleatórias” (pp.38-39)

Dessa forma, por ser um texto representativo da sociedade brasileira e, em especial, nordestina, o cordel recebeu muitas análises voltadas, principalmente, para a identificação da sua estrutura (linguagem, universo temático, rimas, estrofes, formato da capa e quantidade de páginas).

Embora o caminho percorrido por esse trabalho não seja o mesmo desses estudos, ou seja, o objetivo não seja o mesmo dos autores responsáveis por tais análises, parece adequado situar algumas pesquisas feitas sobre o cordel, tendo como recorte histórico os últimos oitenta anos. Logo em seguida, demonstrar-se-á como o problema dessa pesquisa se constituiu e de que forma este trabalho se insere no quadro de estudos aqui elencados.

A literatura de cordel, vista como texto, já foi objeto de estudo em muitos trabalhos de pesquisa aqui no Brasil e no exterior. Pode-se dizer que o marco para esses estudos foi o Modernismo, movimento artístico-cultural que apresentou como uma das características a “busca” da identidade nacional.

Nessa busca, o cordel se colocava para os intelectuais da época como um texto que possibilitava a materialização de parte do universo histórico brasileiro.

Percebe-se no discurso do Modernismo a descrição do cordel como crônica jornalística, que registra fatos do dia. No cordel, o autor absorve a informação e a transmite com uma carga subjetiva forte e explícita. Nesse sentido, não existe a preocupação com a objetividade na acepção clássica em que o sujeito não se envolve com o objeto a ser descrito. O cordelista parte do pressuposto de que ele e seu leitor estão da mesma forma envolvidos porque compartilham dos mesmos desejos, mitos e história.

Essa concepção de cordel como crônica jornalística contempla a identificação entre emissor e receptor. Esses elementos, anunciado pela teoria da comunicação, hoje são considerados pela lingüística textual como interlocutores, sujeitos que fazem parte do jogo comunicativo. Nessa última acepção, não é adequado afirmar que, numa situação comunicativa, existem elementos superiores ou mais importantes.

Quando o tema é o acontecido, sendo o fato jornalístico, é possível perceber essa identificação entre o autor e o leitor em diversos livros de cordel. Para uma melhor visualização do que estamos discutindo, vamos analisar, como referência duas obras de cordel. A primeira, “O presidente Tancredo, a esperança que não morre”, de Manoel D’Almeida Filho, publicada em 1985, ano em que Tancredo Neves morreu. A segunda, “O atentado terrorista e o nosso sofrimento”, de Olegário Fernandes, é de 2001, escrita poucos dias após os atentados terroristas que chocaram o mundo, ocorridos em 11 de setembro nos Estados Unidos.

TANCREDO NEVES, A ESPERANÇA QUE NÃO MORRE

O nosso Brasil gigante  
Desde o seu descobrimento  
Tem passado muitas fases  
De angústia e de sofrimento,  
Porém sai heroicamente  
De todo constrangimento

Assim já tem enfrentado  
Guerras e revoluções,  
Epidemias e secas,  
Enchentes, inundações,  
Mas o seus filhos unidos  
Sempre encontram soluções.

Agora mesmo passou  
As maiores agonias  
Assistindo um filho seu  
Sofrer sete cirurgias,  
Lutando de encontro à morte

Passou trinta e nove dias  
(p.3)

o doutor Tancredo Neves  
com toda a sua pujança  
fez a campanha política  
lutando pela mudança.  
transformou-se para o povo  
no pendão da esperança

Prometia para os pobres  
Mudar a situação,  
Minorar os sofrimentos  
E baixar a inflação.  
Para haver maior progresso  
Com mais emprego e mais pão.

Aqui vamos descrever  
Tudo quanto nos ocorre  
Do passado à doença  
Que pela história corre  
Do presidente Tancredo,  
Esperança que não morre.

Depois dessa introdução, o autor descreve a vida familiar e política de Tancredo Neves. O tom é sempre de admiração extrema, num misto de definição entre o político e o sagrado:

Foi isso em quarenta e sete  
Numa luta triunfal  
Percorreu Minas Gerais,  
Lutou e foi no final  
Eleito constituinte  
Deputado estadual  
(p.7)

No final da narrativa, existe o tom de discórdia em relação ao destino desse ex-presidente que ainda hoje é venerado pelos brasileiros:



O doutor Tancredo Neves  
 Cumpriu com o seu dever.  
 Passou trinta e nove dias  
 Lutando para viver-  
 Pela grande resistência.  
 Não merecia morrer.

Em sua luta passando  
 Pelas sete cirurgias.  
 Cremos que tenha passado  
 Fortes dores e agonias  
 Só pensando em dar ao povo  
 As mais justas alegrias.

Nesse livro, uma pequena amostra do que acontece nas outras obras, percebem-se as interferências de outros discursos, os já-ditos, na descrição do fato. Nessa descrição, o já-dito funciona como subterfúgio para o ser-dito, o novo. É quando entra a subjetividade do cordelista. Ele imprime um tom persuasivo, explícito, aos seus versos, tentando convencer o leitor de suas concepções sobre o assunto. Assim, percebe-se no cordel o caráter essencial da crônica jornalística: descrever o fato opinando sobre ele.

Em “O Presidente Tancredo Neves, A Esperança que não morre”, existe a marca da superação de um povo, numa visão quase mítica do autor (locutor). Para ele, o brasileiro “sai heroicamente de todo constrangimento: Guerras, revoluções, epidemias, secas, enchentes e inundações”. Esses versos servem de introdução ao que o poeta vai dizer nas

página seguintes. Ele prepara o leitor (alocutário) para o ritmo da história que será apresentada sobre o presidente Tancredo Neves: “Agora mesmo passou/As maiores agonias/assistindo um filho seu/sofrer sete cirurgias/Lutando contra a morte/Passou trinta e nove dias”.

A forma de dizer é determinada pela condição histórica do autor e do leitor. Eles são constituídos de uma mesma visão de mundo, ou seja, comungam do mesmo olhar que vê o presidente Tancredo Neves como herói nacional, caracterizado pela noção clássica. Dessa forma, Tancredo é descrito como um ser do BEM que combate os outros do MAL. A narrativa é construída a partir dos aspectos subjetivos do herói, numa perspectiva linear, mesclando fatos históricos com a análise do autor: “Aqui vamos descrever/Tudo quanto nos ocorre/Do passado e da doença/Que pela história corre/Do presidente Tancredo/Esperança que não morre”.

Tancredo Neves é descrito como um ser superior, alguém que tem características de dignas de rei. Ao ser eleito, o herói viaja pelo mundo todo e é cumprimentado, respeitosamente, por presidentes, reis, papas e demais representantes do poder global. O tom de reverência é tão grande que dá margens para a interpretação de que se trata do líder de um país muito importante na esfera mundial. Assim, Tancredo é mostrado como o homem que salvaria o Brasil e ajudaria na reconstrução do mundo. Essa característica, o sebastianismo, indubitavelmente, é fato convergente entre autor e receptor. Prova disso, foi o sucesso desse livro comprovado no número de exemplares, considerado um dos clássicos do cordel.

Os conceitos da Igreja Católica estão presentes nessa história, como acontece em quase todas da literatura de cordel: *“Primeiro foi à Itália; Religioso profundo Lá foi recebido pelo Papa João Paulo segundo O maior chefe católico Da igreja em todo o mundo”*. Porém, percebemos também uma certa revolta do autor e, com certeza, dos leitores, diante da morte desse líder político brasileiro: *“O doutor Tancredo Neves Cumpriu com o seu dever Passou trinta e nove dias Lutando para viver Pela grande resistência Não merecia morrer”*. Há uma não aceitação da morte, mesmo concebendo que ela é uma determinação divina *“Deus guie suas pegadas Até os pés de Jesus”* (acróstico na última página).

Com esse olhar sobre um fato histórico, a morte do presidente Tancredo Neves, o autor constrói uma crônica jornalística. Marcada pelo subjetivismo, pois o universo (mítico, principalmente) dos interlocutores é o mesmo. Mesma opinião tem Curran (1980):

Como é de se esperar, os relatos cordelianos têm muito em comum, por refletirem sentimentos nacionais altamente influenciados pelas reportagens da mídia (todo o mundo testemunhou os fatos pela tevê). Por outro lado, diferenciam-se pelo estilo e pela abordagem: o tema era quente, as vendas estavam boas, os poetas tinham pressa em imprimir as histórias e levá-las às ruas para o público ávido, porém, alguns trabalharam com mais cuidado do que outros. Era uma oportunidade raríssima, e os cordelistas estavam cientes disso. A maioria juntou detalhes da enfermidade e da morte trágica, relatando o sofrimento do presidente eleito durante os trinta e nove dias, da internação hospitalar às sete intervenções cirúrgicas e à morte. (p.218).

Outro livro de cordel representativo da crônica jornalística versa sobre os atentados terroristas de 11 de setembro, ocorridos nos Estados Unidos. Esse livro, por causa do seu conteúdo, foi muito vendido em Recife-Pe e chegou a ser, inclusive, tema de matérias da imprensa nacional.

O ATENTADO TERRORISTA E O NOSSO SOFRIMENTO

Com os olhos lagrimosos  
 E o coração constrangido  
 Vou escrever o *terrorista*  
 Lá dos Estados Unidos  
 E avisar ao nosso povo  
 Pra ficar mais prevenido

Há muitos anos que a gente  
 Sofre no alto grau  
 Seca, fome e carestia  
 No povo metendo o pau  
 E agora pa completar  
 Vem a guerra mundial  
 (p.1)

Porém os Estados Unidos  
 É um país capitalista  
 E a mais de 500 anos  
 Que ataca o socialismo  
 E agora foi atacado  
 Pela máfia terrorista

No dia 11 de setembro  
 Um dia de terça-feira  
 Do ano dois mil e um  
 A tragédia traiçoeira  
 Atacou os Estados Unidos  
 Foi a maior bagaceira

Em "O Atentado Terrorista e o Nosso Sofrimento", percebe-se a descrição de um fato histórico em escala global. Os atentados de 11 de setembro chocaram o mundo e fizeram com que alguns conceitos fossem repensados. Um desses conceitos foi a postura dos Estados Unidos em relação aos conflitos do Oriente Médio. Para os americanos, a tendência era deixar que os problemas político-religiosos envolvendo Israel e as outras nações dessa região fossem resolvidos por elas mesmas. O governo americano teve de

mudar essa concepção quando percebeu que tais conflitos também diziam respeito ao seu povo.

A caça aos terroristas foi a justificativa para que os Estados Unidos exercitassem o que tem de melhor: o poder bélico. Com essa demonstração de força, os americanos tentaram melhorar sua auto-estima, amenizando a dor pela morte de milhares de pessoas nas torres gêmeas do World Trade Center e no Pentágono.

Aqui no Brasil, o sentimento de consternação, assim como na maior parte do mundo, foi geral. A mídia, especialmente a televisão, contribuiu muito para a construção de discursos inflamados, nem sempre sensatos. Uma perspectiva apontada por tais veículos foi a satanização dos muçulmanos, uma vez que os terroristas acusados de serem responsáveis por tais atentados eram seguidores de Alá.

A narrativa do autor permite afirmar que essa satanização dos muçulmanos não contaminou a todos os brasileiros. A essência da história é a descrição do choque dos dois aviões e em seguida mostra a dor sentida por toda a humanidade. Isso fica claro no título quando são apresentados recursos lingüísticos que materializam tal olhar. Primeiro aparece a expressão "O Atentado Terrorista" e logo em seguida "Nosso Sofrimento". Os conectivos "e o" estabelecem uma relação de causa e consequência explicitamente.

Outros recursos lingüísticos que chamam a atenção são as formas do desenho da capa. É uma xilogravura assinada por Dila, da cidade de Caruaru-PE, considerado um dos maiores gravuristas de todos os tempos. O desenho mostra as duas torres no momento da colisão dos dois aviões. Em outro plano, as pessoas que caem desses prédios apresentam

uma forma desumanizada. O desenho delas lembra os pássaros ou os próprios aviões que aparecem logo acima.

O início da narrativa é marcado pela tristeza: "Com os olhos lagriminosos/e o coração constrangido". Em seguida, o autor anuncia o desenrolar de tais atentados, culminando com a guerra mundial: "E agora pra completar/vem a guerra mundial". Esse medo (o de que os atentados resultassem em guerra mundial) foi comum aqui no Brasil e em muitos países. Guerra, de fato, houve, mas ficou polarizada entre os americanos e os defensores do regime talibã, no Afeganistão, e Osama bin Laden que passou a ser denominado inimigo número um dos Estados Unidos.

A reação em nível global foi de tristeza, como assinala os versos seguintes: "Com esta triste explosão/o mundo escureceu/e milhares de pessoas/nessa hora ali morreu/o ar ficou enublado/e o mundo entristeceu".

Nas estrofes finais, a noção de castigo aparece materializada. Há também um convite ao arrependimento, demonstrando clara influência do cristianismo: "O nosso planeta terra/nde germina o pecado/o crime, o ódio e a vingança/onde o sangue é derramado/a natureza divina/também manda seu recado"; "Vamos pedir conforto/a Santa Virgem Maria/que conforte este povo/que sofreu tanta agonia/vamos rezar para os mortos/que estão a louza fria".

Há também uma postura política em relação aos americanos: "Porém o americano/forte, rico e potentado/e a metade do mundo/por ele é dominado/está colhendo no presente/o que plantou no passado".

As narrativas de cordel, exprimindo um mundo de características primitivas, de fortes raízes religiosas, de crença inabalável no sagrado, de fé em um tempo prodigioso, de certeza na existência de seres sobrenaturais, são, de fato, histórias míticas, que 'satisfazem a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social e mesmo a exigências práticas', como nos diz Malinowsky, ao tentar demonstrar a natureza e a função do mito nas sociedades primitivas (p. 14).

Aprofundando um pouco esse conceito, sem cair na arrogância e ingenuidade, é possível considerar o Nordeste como o ser que constrói, destrói e reconstrói seus mitos e os materializa no cordel. Isso porque cada povo tem sua forma especial de ver o mito, determinada por condições históricas, políticas, religiosas, econômicas etc.

Por ser constituído de tipos diversos, a mitologia se apresenta como a esfinge (decifra-me ou devoro-te). Fugindo do desejo de tentar decifrar todos os mitos que perpassam a literatura de cordel, fizemos um corte e escolhemos apenas dois mitos (o da maldade castigada e o do homem santo) como amostragem para apoiar a nossa discussão nessa etapa do trabalho. Escolhemos também dois livros de cordel representantes desse recorte feito por nós nessa pesquisa, uma vez que existem muitas obras de cordel versando sobre esse tema.

Para a visualização da presença do mito da maldade castigada na literatura de cordel, vejamos os elementos constitutivos da narrativa do livro "Carta de Satanás a Roberto Carlos", de Enéias Tavares Santos.

#### CARTA DO SATANÁS A ROBERTO CARLOS

Roberto Carlos Cantando  
Esse seu disco moderno  
Aonde diz que alguém venha  
Aquece-lo "neste Inverno",

do trabalho. Escolhemos também dois livros de cordel representantes desse recorte feito por nós nessa pesquisa, uma vez que existem muitas obras de cordel versando sobre esse tema.

Para a visualização da presença do mito da maldade castigada na literatura de cordel, vejamos os elementos constitutivos da narrativa do livro "Carta de Satanás a Roberto Carlos", de Enéias Tavares Santos.

CARTA DO SATANÁS  
A ROBERTO CARLOS

Roberto Carlos Cantando  
Esse seu disco moderno  
Aonde diz que alguém venha  
Aquece-lo "neste Inverno",  
E depois dele aquecido,  
"Tudo o mais vá pro inferno".  
Há poucos dias, por isso,  
Uma carta recebeu  
Que o Satanás lhe mandou  
Com medo do disco seu,  
Vamos saber na missiva  
O que foi que ele escreveu:

- "Inferno, corte das trevas,  
Meu grande amigo Roberto,  
Eu vi o seu novo disco  
É muito bonito, é certo,  
Mas cumprido a sua ordem,  
O mundo fica deserto.

Porque você está mandando  
Todo mundo para aqui,  
Se esse povo vier todo,  
O que é que fica aqui?  
Será o maior deserto  
Que eu fico vendo daqui.

(p.3)



Nessa história, Satanás pede "ao amigo Roberto Carlos" para parar de cantar a música que diz " tudo mais vá pro inferno". O motivo desse pedido, segundo o próprio Satanás, é a superlotação do inferno, pois é grande o número de pessoas que cometeram pecados no Brasil e todos foram parar em tal lugar depois de morrerem. É o castigo para elas por terem cometido maldades.

Esse mito é um contraponto de outro que aparece com frequência no universo imaginário nordestino, o do homem santificado por ter feito obras boas para os necessitados. Desses homens bons, indubitavelmente, o Padre Cícero é o maior representante para o povo do Nordeste, principalmente para o sertanejo.

#### PADRE CÍCERO, SANTO DO JUAZEIRO

"A fé transporta montanhas",  
São palavras de Jesus,  
Salvador da humanidade,  
Que veio trazer a luz  
Aos cegos de consciência  
Que O puseram na cruz.

Provando o valor da fé,  
Jesus mesmo demonstrou.  
Quando curava enfermo,  
Entre os muitos que salvou,  
Dizia:- "Levanta e anda,  
A tua fé te curou".

Assim foi plantada a fé,  
Entre judeus e pagãos,  
Mostrando que os sacrifícios  
De cristo não foram vãos,  
Ficando até hoje como  
A bandeira dos cristãos

(p.3)

Por ser uma região marcada por movimentos messiânicos, floresce com facilidade a idéia de homem santo em muitos lugares do Nordeste. Influenciadas por questões políticas, econômicas e, principalmente, religiosas, as narrativas sobre feitos milagrosos constituem parte do universo da subjetividade nordestina. Essas narrativas, repetidas e respeitadas por diversas gerações, dão um aspecto de caminho a ser seguido, um elemento norteador das ações de homens e mulheres nordestinas, principalmente os mais idosos.

Essas narrativas se constituem no binômio enunciação/enunciado, presente na lingüística textual. O discurso produzido tem uma demarcação histórica e social. Mesmo que seja repetido, a reprodução desse discurso se constitui numa singularidade porque é feita em lugar, tempo e pessoa diferentes. Assim, a louvação a Padre Cícero tem se repetido por anos a fio, por diversas gerações. Esse respeito se materializa na romaria existente todos os anos. Milhares de romeiros vão a Juazeiro de Norte, Ceará, cidade desse santo, pagar promessas, rezar, reverenciar o homem que foi eleito o cearense do século.

Esse mito de homem que está acima dos simples mortais realizando o bem, no Nordeste brasileiro é encontrado na imagem construída pelas narrativas da literatura de cordel sobre o Frei Damião, Antônio Conselheiro e, principalmente, Padre Cícero. Sobre esse último, Manoel D'Almeida Filho, quando escreveu "Padre Cícero, o Santo de Juazeiro", tornou possível o registro desse tipo de mito nordestino que, mesmo não sendo reconhecido como santo pelo Vaticano, é tido pelos nordestinos como o santo maior entre todos os outros. O santo a quem nem Lampião, símbolo máximo da valentia no Sertão, ousou desrespeitar. A Padre Cícero são atribuídos milagres, porém, nenhum foi oficializado pela Igreja Católica.

Por ser escrito por pessoas que sofreram grande influência da Igreja Católica, é lícito olhar o cordel como textos divulgadores dos postulados do Cristianismo. Partindo desse pressuposto, é forte a presença do Diabo nessas narrativas. Ele aparece sempre num tom avermelhado (nos livros maiores, com mais de dezesseis páginas, denominados de romances) e com chifres que lembram o bode, animal comum na região Nordeste e que exerce uma força mitológica no imaginário popular dos nordestinos. Não raro, o Satanás também é representado pela figura de um negro ou negrão, expressão comum no cordel para denominar uma pessoa dessa raça em tom pejorativo.

O maniqueísmo é um elemento constante na literatura de cordel. Nele, o Diabo é que melhor representa o Mal. Do lado do Bem, está Cristo, sendo representado pelos santos, figuras muito idolatradas na região Nordeste, ou pessoas incomuns (mito do herói clássico).

Nesses conflitos, o Bem sempre vence o Mal, numa identificação com os contos de fada, fazendo a intertextualidade, fato comum em qualquer tipo de texto, pois um texto é sempre resultado de outros discursos já produzidos. É o dito num jogo com o não-dito.

No cordel, raramente existe um aspecto sombrio quando o autor descreve as trapaças do Diabo. É comum percebermos o tom jocoso, com humor nos diversos autores e seus diferentes estilos. Nessas histórias, Satanás é sempre derrotado e a ironia e zombaria são constantes.

Para representar esse elemento, a presença do Diabo na literatura de cordel, Natanael de Lima escreveu "O Ferreiro das Três Idades".

## O FERREIRO DAS TRÊS IDADES

Minha caneta poética  
 Fez agora uma visita  
 Ao mundo da poesia.  
 De lá, trouxe uma escrita  
 Tão importante, que quem  
 A lê em tudo acredita!

Este é um drama lendário  
 Que baixou em minha mente-  
 Não é história de amor.  
 O caso é bem diferente:  
 É a vida de um ferreiro,  
 Que viveu antigamente  
 (p.3)

foi no tempo em que Jesus  
 viveu em sua missão,  
 pregando para os hebreus  
 A Santa Religião-  
 Foi quando passou-se o drama,  
 Que agora dou descrição

Distante doze quilômetros  
 Da cidade de Naim,  
 Vivia ali um ferreiro,  
 Numa pobreza sem fim-  
 No mundo não existia  
 Um outro tão pobre assim.

Morava num velho rancho,  
 Sofrendo fome e nueza,  
 Sem auxílio de ninguém,  
 Odiado da riqueza-  
 Era tão pobre, que o povo  
 Só lhe chamava Pobreza.

Nessa história, aparece um homem que de tão pobre era chamado de Pobreza e sua cadela tinha o nome de Miséria. A narrativa transcorre em um tempo remoto, quando Cristo pregava sua palavra. Ao passar pela casa de Pobreza, Ele, na companhia inseparável do apóstolo Pedro, pediu para dormir. Um pobre homem ofereceu ajuda, mas como não

tinha cama, Cristo teve de passar a noite dormindo no chão mesmo. No outro dia, antes de ir embora, Ele disse que Pobreza tinha direito a três pedidos. Ao contrário do que Jesus pensava, Pobreza não quis riqueza nem vida longa. Ele pediu que três ordens suas fossem obedecidas por qualquer ser. Essas ordens incluíam sentar no seu pilão, ficar pendurado numa árvore que havia na sua casa e trancar alguém no quarto. Esses desejos foram obedecidos plenamente. Com eles, Pobreza pôde enganar o Satanás quando esse quis levá-lo para o inferno como pagamento de vida longa e riqueza oferecidos pelo Demônio (sem Pobreza pedir, diga-se de passagem).

Nessa narrativa, Pobreza tem o domínio total sobre suas ações. A vida e a morte são determinadas por ele. No momento em que Cristo atendeu aos seus desejos, ele adquiriu poderes incomuns que aliados a sua inteligência, foram responsáveis pela vitória sobre o Satanás. Tenta igualar-se a Cristo quando o imita, dominando a morte. Pobreza resolve, depois de viver quase duzentos anos, cometer o suicídio e leva com ele Miséria, sua cachorrinha. Até nesse ato ele subverte as ordens da vida cristã, pois para essa religião quem se mata não pode ir para o céu. Ele só teve acesso a esse espaço porque enganou São Pedro, o santo porteiro, com a ajuda das almas que fugiram do inferno, lideradas por Pobreza.

A visão cristã sobre Satanás está materializada nas estrofes seguintes. Nelas, está a origem do demônio, um anjo que se revoltou. Existe também a concepção de mundo, defendida pela igreja católica, de que o Diabo está solto e é o responsável pelos pecados do mundo porque é o príncipe do Mal. Estas passagens descrevem o momento em que

Pobreza, realizando seu terceiro desejo, consegue prender todos os diabos em um quarto de sua casa.

O ferreiro recusa o que Jesus oferece, porém substitui os pedidos. Esses desejos são usados para enganar Satanás que, assistindo a tudo, concedeu vida longa e riqueza a Pobreza. Em troca, exigiu a alma do ferreiro. Quando ele foi buscar a alma do pobre homem, sofreu com as ordens de Pobreza, como sentar no pilão e não poder sair, além de ficar preso no quarto e pendurado em uma árvore.

Outro elemento de presença forte nas narrativas de cordel é figura feminina. A mulher aparece como um elemento multifacetado. Em alguns livros, ela é símbolo do Bem, da inteligência, bravura e honradez. Em outros, é maléfica, capaz de derrotar os homens, tidos, no cordel, como seres superiores. Em qualquer obra, portanto, é possível identificar claramente as formações discursivas, fontes que deram origem a tais discursos, enunciados.

Em "Zé Baiano, Vida e Morte", de Manoel D'Almeida Filho, existem passagens que materializam muito bem a mulher como feita à imagem e semelhança do Diabo. Nesse tipo de narrativa, a figura feminina ameaça o poder masculino, seja ele político, econômico ou religioso. Os homens, tidos como fortões, ficam fragilizados quando têm contato com uma mulher, principalmente se ela estiver maquiada e bem vestida:

ZÉ BAIANO, VIDA E MORTE

Falando de cangaceiros,  
O assunto é muito vasto.

Em pesquisas no Nordeste  
 Muito tempo já foi gasto:  
 Conversando com o povo.  
 Sempre surge um fato novo  
 Em cima do mesmo rasto...

Poucos procuram saber  
 O caminho verdadeiro  
 Que fez nascer o cangaço  
 No Nordeste brasileiro  
 Sem procurar a razão,  
 Numa completa isenção.  
 Como nasce um cangaceiro.

Neste livro mostraremos  
 Uma nova personagem  
 Que fez parte do cangaço  
 No meio da piratagem,  
 Ferrou moças inocentes  
 E matou muitos valentes  
 Com destemida coragem  
 (p.3)

Falamos de Zé baiano  
 Que no Nordeste viveu-  
 Só não descobrimos onde  
 Seu nascimento se deu,  
 Naquele tempo de fome,  
 Mostra pelo sobrenome  
 Que na Bahia nasceu.  
 (p.4)

Essa imagem da mulher como ser do Mal encontra paralelo em outros tipos de narrativas. A literatura de cordel faz uma leitura parecida com a que existe na mitologia grega. Nessas histórias, encontramos passagens que mostram a figura feminina como elemento catalisador de ações prejudiciais à humanidade. É assim na referência à Caixa de Pandora; na morte de Hércules e na Guerra de Tróia. Em todas essas passagens, a mulher é o vista como a culpada, um ser enviado pelas forças do Mal.

Em outros livros de cordel, encontramos outras imagens da figura feminina, resultado de outras formações discursivas. A imagem da mulher forte e guerreira está materializada em obras que narram a vida de Joana D'Arc, a heroína francesa, e garra de Maria Bonita, esposa de Lampião. Sobre essa última, Antônio Teodoro dos Santos escreveu "Maria Bonita, a Mulher Cangaço". Na foto da capa do livro, o formato/os traços já simbolizam o tom de liderança, força e determinação. Em "A Mulher que Enganou o Diabo", de Manoel D'Almeida Filho e "A Mulher que se Casou Dezoito Vêzes", de Valeriano Feliz dos Santos, a mulher é apresentada como um ser inteligente, forte e independente, contrariando os postulados machistas:

#### A MULHER QUE ENGANOU O DIABO

Muitas mulheres no mundo  
Só exibindo a beleza  
Enganaram vários homens  
Usando essa proeza  
Os olhos jorrando lágrimas  
Como as armas de defesa.

Sem falar em muitas que  
Enganaram por paixão,  
Falamos só em Dalila  
Que subjugou Sansão  
Com as tramas diabólicas  
Dos engodos da traição.

Assim a mulher demonstra  
Obter o que deseja,  
Pelos recursos que tem  
Engana a quem tenta enfrenta-la  
Só vai perder a peleja.

Segundo uma lenda, até  
O Diabo foi enganado  
Por uma mulher bonita  
Que o deixou desmantelado:



Trabalhou que quase explode.  
 Findou desmoralizado.

Agora vamos botar  
 A feijoada no prato.  
 Saber como Satanás  
 Com a mulher fez um trato  
 E como foi que no fim  
 Não cumpriu o seu contrato.  
 Pág.(3)

Em "O Pai que Forçou a Filha Sexta-feira da Paixão", de João Severiano de Lima, e em "O Filho que Bateu na Mãe e Virou Lobisomem", de Manoel D'Almeida Filho, a mulher é vítima de atrocidades cometidas pelo homem. Utilizando-se de sua força física, ele provoca atos de terrível violência. Igual postura encontramos no livro "Zé Baiano, Vida e Morte" citado anteriormente.

Nesses dois últimos livros, assim como na maioria das obras de literatura de cordel, é possível percebermos que a principal formação discursiva é a Igreja Católica. A noção de certo e errado nas ações humanas, bem como o castigo para o pecado, é norteadas pelos postulados de tal igreja. A justificativa plausível para isso é o contexto social em que leitor e produtor de tais livros estão inseridos. Eles comungam da mesma visão de mundo e são igualmente influenciados pelo que prega o Cristianismo.

Também de presença muito forte é o cangaceirismo na literatura de cordel. As narrativas sobre esse tema misturam feitos heróicos e maldade; religiosidade e falta de ética; honradez e calúnia; profano e sagrado.

A literatura de cordel se apresenta com uma fonte privilegiada de informações quando o assunto é o cangaceirismo. Por viver na mesma região e no mesmo contexto social em que

viveram os cangaceiros, os cordelistas produziram excelente material de pesquisa sobre esse tema complexo.

Por envolver um amálgama de elementos constitutivos da subjetividade nordestina, como religião, coronelismo, messianismo, Estado, seca, fome, (in) justiça social e conflitos entre famílias rivais, o cangaceirismo desponta como movimento forte no sertão nordestino nas primeiras décadas do século passado. Seu auge aconteceu nas ações do temível Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, líder de um grupo de dezenas de homens que espalhavam o terror na caatinga, principalmente nos Estados de Pernambuco e Bahia. Eles cometiam muitos tipos de violência, como assaltos, seqüestros e assassinatos com o objetivo principal de construir e manter uma rede de subsistência na caatinga, espaço onde viviam para fugir da polícia, denominada por eles de macacos.

O fim do cangaceirismo é creditado à morte de Lampião, em 1938, num ataque surpresa promovido pelos soldados. Com sua morte, Lampião teve a imagem de mito eternizada na memória coletiva dos nordestinos. Para grande parte deles, esse cangaceiro, por desafiado o poder da igreja, do Estado e da Justiça, é o grande homem do Nordeste e que merece ser reverenciado para sempre pela coragem.

Um dos principais autores de cordel que trabalhou esse tema, talvez o mais importante entre os cordelistas, foi Manoel D'Almeida Filho. Ele produziu dois livros que são considerados clássicos do gênero: "Os Cabras de Lampião" e "Vida Vingança e Morte de Corisco". Nesses livros, o autor descreve o nascimento (simbólico, é claro) de um cangaceiro. Além disso, mostra os principais acontecimentos na vida de dois dos três maiores cangaceiros: Lampião e Corisco. Ambos eram amigos e compadres.

Outro autor que trata desse tema é Francisco das Chagas Batista. Ele escreveu o livro "Antônio Silvino", obra sobre o nascimento, vida e julgamento desse que é considerado por muitos um dos grandes cangaceiros. A peculiaridade desse livro é o foco narrativo, feito em primeira pessoa, algo incomum nas outras obras que versam sobre o mesmo assunto:

ANTÔNIO SILVINO  
Vidas, Crimes e Julgamento

Leitor em versos rimados  
Vou minha história contar,  
Os crimes que pratiquei  
Venho agora confessar.  
Jurando que a verdade  
Jamais me hei de afastar.

Pedro Batista de Almeida  
E Balbina de Moraes,  
Casados catolicamente,  
Foram meus legítimo pais,  
Nascidos em Pernambuco  
E do Pajeú naturais.

Nas margens do Pajeú  
No distrito de Ingazeira,  
Junto a Serra da Colônia  
Vi o sol a vez primeira;  
Ao nascer trouxe nas veias  
Sangue da raça guerreira.

Nasci em setenta e cinco,  
Num ano de inverno forte,  
No dia dois de novembro,  
Aniversário da morte;  
Por isso o cruel destino  
Deu-lhe de bandido a sorte.

Para a ética cristã, homem bom é aquele que não se afasta de Deus. Nessa concepção, herói é a pessoa defensora do cumprimento das leis instituídas por esse Ser superior. Já na

ética do homem concreto, a nosso ver bem representada pelos postulados do existencialismo, o ser do Bem não existe porque é inexistente também a figura do ser onisciente, onipresente e onipotente, pois o homem é responsável por aquilo que faz.

Embora tenham forte influência da Igreja Católica, alguns autores da literatura de cordel escreveram livros em que a narrativa é marcada por concepções filosóficas que desobedecem aos ensinamentos do Cristianismo. É verdade que conflito Bem X Mal, tão estudado por Santo Agostinho, existe nesse tipo de literatura. Porém, esse conflito nem sempre está voltado para o divino. Em alguns livros, esse confronto é contextualizado nas próprias relações humanas. A interferência divina é pequena ou quase nula. Isso acontece em "Vida e Testamento de Cancão de Fogo", de Leandro Gomes de Barros.

#### A VIDA DE CANCÃO DE FOGO

Leitor se não enfadar  
 Desta minha narração  
 Leia a vida deste ente  
 E preste muita atenção  
 Que foi o quengo mais fino  
 Desta nossa geração

Pois ele desde criança  
 Sabia a tudo iludir  
 Estradeiro muito velho  
 Não pode competir  
 O Cancão nunca armou laço  
 Que alguém pudesse sair.

Cigano que no Egito  
 O temiam com lobo  
 Entre todos os ladrões  
 Era o professor do roubo  
 Chegou aqui no Brasil  
 O Cancão fez dele um bobo.

Até na hora da morte  
 O Cancão caloteou  
 Com o testamento dele  
 Ainda o juiz se enrascou

O escrivão recebeu  
Um processo que tomou.

Nesse livro, a narrativa é marcada pela descrição das peripécias do personagem principal, Cancão de Fogo. Ele é apresentado como um ser que tem inteligência incomum e a usa para melhorar sua condição social. De família pobre, ainda criança resolve imigrar. Porém, diferente dos nordestinos que iam batalhar por uma vida melhor em São Paulo, Cancão de Fogo saiu sem destino. O mundo segundo ele, era a sua casa. Depois de ganhar uma quantia grande de dinheiro, manda ajuda para os pais, pessoas éticas do ponto de vista cristão.

Chama-nos atenção o nome desse personagem. Cancão é um pássaro que ocupa um espaço grande na mitologia nordestina. Segundo a crença popular, essa ave é de rara inteligência, pois sabe fazer muitas atividades. Entre elas, está o hábito de imitar os outros pássaros e o poder de avisar o local em que existem cobras. Cancão é uma ave de cor preta e é encontrada, geralmente, na caatinga.

A relação simbólica entre o nome da ave e do personagem parece-nos muito forte. Cancão é um rapaz inteligentíssimo e faz coisas que os outros jovens de sua idade não conseguem fazer. A semelhança com a ave fica mais estreita ainda quando o autor acrescenta a Cancão o sobrenome Fogo. Essa expressão, "fogo", no Nordeste, denomina algo ou pessoa incomum. Para as pessoas, equivale a cabra da peste.

Cancão de Fogo se materializou na subjetividade nordestina como um mito. Ele é o ser que desrespeita a ordem instituída pela Igreja, Estado e família. Não considera como determinantes de seu destino nenhuma dessas instituições/formações discursivas. Diferente do sertanejo comum, tem a coragem de matar Deus, assim como Nietzsche recomendou; vai atrás de sua liberdade, acreditando que essa está atrelada às relações de produção e consumo e que ela é determinante para sua felicidade, assim como vislumbravam Sartre e Marx; não permitiu a morte do eu para dar vida às regras do grupo, conforme alertava Heidegger.

Esse personagem tem clara consciência que é responsável por aquilo que faz. Ele é dono do seu destino. Não são Deus ou Diabo os determinantes de suas ações. Por possuir essa postura, ele não é aceito pelo meio social em que está inserido. Sua família, principalmente os pais (católicos), recusam-no a ponto de ficarem felizes quando souberam de sua suposta morte. Cancão não lhes respeita, numa demonstração, na narrativa, de que discorda dos pressupostos cristãos. A igreja, com a conivência dos adeptos, condena-o, numa alusão à Santa Inquisição.

Assim como João Grilo, Cancão de Fogo faz parte do universo de anti-heróis da literatura de cordel. Eles são considerados modelos de pessoas reverenciadas pela coragem e astúcia por terem desafiado o poder, muitas vezes opressor, do Estado, da família e da Igreja.

Como vimos, o cordel é um texto que veicula diversos saberes (históricos, religiosos, míticos). Ele passou por várias transformações, mas ainda faz parte do cotidiano nordestino, principalmente no de pernambucanos, cearenses, baianos e paraibanos. Porém,

a literatura de cordel, mesmo sendo um texto que veicula saberes, não é aceita em todos os espaços que trabalham com a construção desses saberes. Dessa forma, o cordel não faz parte do cotidiano desses espaços, pois eles recusam essa manifestação artístico-cultural. Entre esses espaços, está, por mais paradoxal que pareça, a escola.

### 1.1.O PROBLEMA

Para a lingüística, a diversidade de textos produzidos na sociedade é consequência da multiplicidade de desejos/saberes construídos. Dessa forma, texto é o espaço por onde passam esses saberes que são criados no cotidiano.

Como foi visto nessas obras, a literatura de cordel veicula saberes processados/construídos de maneiras diversas, principalmente ligados ao universo social nordestino no Brasil. No entanto, a escola, espaço de construção/reconstrução de saberes, recusa sistematicamente esse tipo de texto, mesmo ele tendo uma relação direta, inclusive, com os conteúdos de algumas disciplinas/áreas do conhecimento.

As áreas do conhecimento, na escola, são contempladas na escola em disciplinas, consideradas grades que tentam prender os diversos saberes para que sejam melhor observados. Nessa concepção, o conhecimento é esartejado, dividido, classificado, enumerado e só depois é estudado. Sem querer aprofundar essa discussão, visto que já existem estudos sobre esse tema (a tão falada interdisciplinaridade surgiu dele) e para não fugir ao objetivo dessa pesquisa, percebemos aqui um problema, uma lacuna que ainda não foi suficientemente preenchida: a escola vivencia, na forma de disciplinas, as áreas acima

citadas e essas áreas mantêm uma relação natural com a literatura de cordel, porém esse tipo de literatura não está inserido, geralmente, no cotidiano escolar como texto de apoio às atividades pedagógicas.

Existe uma recusa, por parte da maioria das escolas, pela literatura de cordel, mesmo existindo vários estudos sobre ela, portanto não é um elemento sem teoria a respeito; sendo texto, portanto, um produto historicamente construído, com participação dos sujeitos envolvidos, os interlocutores do processo de produção ( autor e leitor); sendo arte, pois materializa os conceitos de belo representados/metaforizados em códigos lingüísticos e, por fim, sendo manifestação cultural.

Percebe-se, então, que a escola mantém um silêncio em relação à literatura de cordel. Esse tipo de literatura só entra no espaço escolar em eventos esporádicos como feiras de arte, exposições, semana do folclore, semana da cultura etc. Parece que há um processo de exclusão a partir da pseudo-inclusão. A escola inclui o cordel nesses eventos, contribui para a visão de elemento exótico que tem marcado o cordel e exclui tal tipo de texto. Colocando de outra forma: a escola tem nos textos seu principal referencial para o desenvolvimento de suas atividades durante o ano letivo, mas não reconhece na literatura de cordel (um texto) esse apoio didático.

Assim como acontece na maioria das cidades brasileiras, temos percebido que em Petrolina a literatura de cordel vem recebendo o tratamento de produto exótico em sua essência e raridade porque está no seu ciclo final de produção (a tão decantada morte). Com certeza, o que acontece em Petrolina é reflexo do que está acontecendo no Estado de Pernambuco.



Pernambuco já foi o maior centro produtor de cordel do Brasil, talvez do mundo. Em Recife, o Mercado São José era, há três décadas, o espaço de convergência dos produtores desse tipo de literatura. Para lá iam os principais autores comercializar seu produto. Por pertencer a esse Estado e, principalmente, por estar localizada no Sertão, Petrolina foi um dos grandes centros de comercialização do cordel até a década de 80. Nas feiras livres do interior do município (Rajada, por exemplo), inclusive, era possível adquirir tais tipos de livros. Hoje só existe um senhor vendendo cordel na cidade nos fins de semana (Feira-livre do Bairro Areia Branca).

Nas escolas, nossa experiência como professor das redes pública e particular e nos níveis fundamental, médio e superior nos indica que o cordel não é utilizado, geralmente, no cotidiano escolar de Petrolina como material de apoio às atividades pedagógicas, ou seja, o estranho fenômeno da recusa por esse tipo de texto também acontece no espaço escolar petrolinense. Assim, percebe-se que em Petrolina o cordel recebe o mesmo tratamento dado a ele na maioria das cidades nordestinas (na escola e em outros espaços): exclusão.

Considerando esses aspectos que contextualizam a discussão sobre o cordel, fizemo-nos as seguintes indagações, norteadoras desse trabalho e baseadas no pressuposto de que a escola deve se apoiar nos textos para desenvolver suas atividades: Por que a escola, espaço de construção de reconstrução de saberes, recusa o cordel como material de apoio didático? De que forma o cordel, um gênero do discurso, pode ser trabalhado no ensino fundamental e médio?

Assim, o objetivo desse trabalho foi identificar o principal obstáculo que dificulta o uso dos textos de cordel no cotidiano escolar petrolinense e como esse tipo de literatura poderia ser inserido nesse espaço.

Cabem aqui algumas considerações para melhor compreensão dessa pesquisa. A primeira diz respeito à postura, aqui apresentada implicitamente, de que existem muitos fatores (obstáculos) que dificultam a utilização do cordel no cotidiano escolar. Outra consideração que precisa ser feita é sobre o risco das generalizações. Não parece lícita a postura de considerar o cordel como texto excluído de todas as escolas, mesmo porque não foi possível investigar todas. O olhar investigativo, portanto, ficou voltado para um universo específico: Petrolina, cidade do Estado de Pernambuco, localizada no Sertão.

Por fim, não se considera, neste trabalho, inclusão o ato realizado por algumas escolas em relação ao cordel. Elas tentam incluí-lo em suas atividades apenas em atos pontuais, como a Semana do Folclore, da Cultura, exposições, feiras de arte ou gincanas. Ao aluno, nesses eventos, geralmente cabe conseguir livros de cordel para serem expostos ou doados à biblioteca da escola e /ou cidade. Em outros casos, o estudante é convidado (às vezes, obrigado) pelo professor a escrever os textos em cordel sem o educador possuir base teórica sobre a estrutura de tal tipo de literatura. Essas posturas da escola não são a regra, obviamente. Não é o que acontece em todas. Porém, parece ser o comportamento da maioria, em especial as de Petrolina. É nessa perspectiva que situamos a questão de investigação desse trabalho para tentarmos descobrir o principal motivo de exclusão do cordel no espaço escolar petrolinense.

Assim, trabalhou-se com questões diretivas durante a coleta de dados. A primeira foi a de que a literatura de cordel é excluída do cotidiano escolar porque os professores não têm um conhecimento sobre esse tipo de literatura e não sabem, portanto, como utilizá-la na sala de aula. A segunda foi como esse tipo de texto poderia fazer parte das atividades desenvolvidas na sala de aula.

## CAP. I I– QUADRO TEÓRICO

### 2.1. O LOCAL E O GLOBAL NO COTIDIANO ESCOLAR: A (RE) CONSTRUÇÃO DE SABERES À LUZ DOS TEXTOS DE APOIO DIDÁTICO

Nesse capítulo, discute-se a relação que a escola deve ter com alguns tipos de textos produzidos na e/ou pela sociedade brasileira. Enfoque especial receberão os textos identificados com as classes populares, pois o cordel está inserido em tal universo. No entanto, para que essa discussão não fique centralizada nessa relação, pois é fundamental abrir mais o campo de discussão, elencaram-se temas imbricados nessa relação. Assim, é importante analisar, embora resumidamente, tópicos como o movimento global-local, o conceito de identidade cultural e o papel dos materiais de referência da escola (livro didático, internet, dicionários e enciclopédias).

O espaço escolar, mais do que a reflexão sobre o global-local, considerando que a escola está no epicentro desse movimento, tem como um dos objetivos principais produzir olhares sobre os saberes locais. Não parece possível ignorar tais saberes. Não na perspectiva de “defesa” como nos movimentos de resistência, marcados pelo marxismo, por exemplo, aos postulados da globalização que se percebem no mundo todo, mas numa postura de sensatez, pois o pressuposto é de que o local sabe falar melhor sobre a subjetividade dos alunos. É ele (o saber local) que materializa o vivido dos sujeitos que constituem a escola

Porém, com o advento da globalização, é inequívoca a imposição de perspectivas econômicas atreladas aos valores culturais da sociedade. Assim, a educação, não raro, é vista como uma máquina de fazer operários para que haja aumento da produção nas fábricas e escritórios. A idéia veiculada como a única verdade é que eles devem se preparar para as exigências do “senhor mercado” porque estamos na era da produtividade máxima. Isso faz com que a escola se preocupe mais com o global e perpetue os postulados dele como verdades absolutas.

Assim, a educação, espaço central na produção de culturas, contribui para a construção de subjetividades que têm no capital seu eixo norteador. Essa postura exclui o saber local porque esse, quase sempre, produz movimentos distintos dos apregoados pela globalização.

O aspecto econômico, em princípio, quer calar os saberes locais. Cria-se, então, um movimento marcado pela tensão, pelos conflitos porque nenhum povo consegue sobreviver sem uma teoria sobre ele mesmo. Mesmo não tendo a cultura da escrita para sistematizar o seu registro, ele se materializa em outras formas, como o folclore, por exemplo. Dessa forma, o poder da economia-é disso que se trata, na verdade, a globalização – não dá conta do universo complexo que constitui o espaço escolar. Ele, numa postura paradoxal, geralmente, ignora os falares, o vestuário, a culinária, as rezas, o sincretismo, as danças e outras formas de realização do saber local e se volta para o global- o distante- como se esse fosse a explicação para tudo.

Em micro espaços, dentro de países, estados, cidades também a explicação sobre determinados eventos locais, produzida por olhares externos, tem sido recusada sistematicamente pelos “nativos”, mas, mesmo assim, a escola usa como referência o olhar

que não é daqueles que participaram, mesmo indiretamente, de tais acontecimentos. Veja-se o caso da Guerra de Canudos, ocorrida em 1896. Os habitantes da região recusam os olhares produzidos por Euclides da Cunha, jornalista e escritor que fazia a cobertura do evento a serviço de um jornal do Sudeste. Por não ser do Nordeste, ele faz a descrição da guerra, no livro “Os Sertões”, como se estivesse falando em um debate acadêmico. Os moradores de Canudos e de regiões vizinhas dizem que a guerra não aconteceu como tal escritor apresenta. Eles apresentam seus olhares sobre o evento, inclusive a morte de Conselheiros é descrita de forma diferente da do livro de Cunha. Porém, qual a versão é aceita, geralmente, pela escola como verdade incontestável? A de Euclides da Cunha.

Essa postura da escola tem uma grande influência da mídia, considerada o quinto poder nas nações democráticas e detentora da verdade, da honestidade e da integridade moral. A televisão, por exemplo, veicula a apologia dos valores universais e apresenta os locais como exóticos, rústicos e, não raro, atrasados em relação à modernidade. O discurso construído é o do “novo” atrelado, geralmente, à economia e cria um contexto de incontestação no espaço escolar.

As políticas públicas no Brasil sobre o saber local estão impregnadas de “deslumbramento externo”. É assim com o discurso internacional sobre o meio ambiente e direitos humanos. O governo reproduz as ações criadas em outros países, dando vida ao ditado “o bom é pra se copiar”. Assim, a escola se sente obrigada a vivenciar os valores locais porque o governo manda e esse o faz por causa da impressão de que se outros países estão fazendo é porque é bom. Criou-se, dessa forma, a cultura do “fazer fingido” no espaço escolar quando o assunto é o local.

Mesmo quando esse deslumbramento externo não está oficializado nas políticas públicas, ele aparece no comportamento dos brasileiros. A língua inglesa, por exemplo, é vista como o idioma legítimo de uma sociedade próspera. Por causa disso, as ruas e casas comerciais estão repletas de termos em inglês.

Assim, a pressão exercida sobre a escola para ignorar o saber local é enorme. De um lado, as políticas públicas com suas contradições, motivadas pela colonização política européia e pelo domínio econômico norte-americano; de outro, os hábitos produzidos pelo povo que, muitas vezes, constrói movimento contrário a essas políticas.

A educação tem como um dos nortes produzir reflexão crítica sobre o vivido do aluno. Porém, o saber local, portanto vivido, é tido como conhecimento de senso comum e esse não tem validade, no espaço escolar, para explicar os fenômenos da subjetividade. Sobre isso, Geertz (2000) assinala:

A análise do senso comum e não necessariamente seu exercício, deve, portanto, iniciar-se por um processo em que se reformule esta distinção esquecida, entre uma mera apreensão da realidade feita casualmente e uma que julga ou avalia esta realidade.  
(pág. 115)

As políticas do governo federal brasileiro apresentam a necessidade da escola possibilitar ao aluno o olhar crítico sobre a sociedade em que ele vive. Assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação normatiza (1996):

Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, será por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:  
II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade (pág. 37).

Mesma postura em relação aos saberes locais têm os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento elaborado pelo Ministério da educação para subsidiar as atividades dos professores de ensino fundamental.

Por estar no epicentro da construção e reconstrução dos saberes, a escola não pode se esquivar da análise dos saberes locais. No entanto, percebe-se que os responsáveis pelo processo de mediação educativa acabam por não contemplar a relação tão necessária à construção dos saberes que é aquela que se estabelece a partir da realidade dos alunos.

O currículo escolar, dessa forma, não contempla a cultura popular e isso vem comprometendo todo processo de conhecimento, pois anula-se o poder que a cultura local deve ter nas práticas escolares, como assinala Silva (1999):

A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. (pág.134)

A consequência dessa postura é que, geralmente, a escola pública do Nordeste não produz um olhar crítico sobre a cultura nordestina e, não raro, reforça o preconceito embutido na sociedade brasileira sobre o povo dessa região. Uma contradição, pois a escola deveria lutar contra tal discriminação.

Essa postura da escola, considerando o que se coloca hoje como conceito de identidade na pós-modernidade, traz para o vivido do aluno perspectivas sombrias, pois estão envoltas por uma camada de contradições tão grandes que encobrem aquilo que deveria ser visto pelos alunos: seu papel numa sociedade marcada por conflitos diversos. Portanto, parece-nos razoável conceber equivocada a maneira como as escolas do Nordeste, especialmente



aquelas que atendem alunos das classes populares, estão trabalhando a questão da identidade cultural nordestina à luz dos textos que tratam do movimento global-local.

## 2.2. O PAPEL DOS MATERIAIS DE REFERÊNCIA NA ABORDAGEM DOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA IDENTIDADE CULTURAL NORDESTINA

A escola, ao contrário do que deveria ser, é adotada pelos materiais de referência e isso reforça a idéia de que ela é um aparelho ideológico do Estado. Os livros eleitos por ela para apoio da prática do professor são recomendados e “doados” pelo Ministério da Educação. Os educadores escolhem-nos numa lista fornecida por tal órgão do governo federal. A questão, que parece preocupante, é que esses manuais didáticos se constituem “objetos estranhos” ao saber local por muitos motivos.

Um dos aspectos que descaracterizam os manuais didáticos adotados pela escola e recomendados pelo MEC é o etnocentrismo. Os autores de tais livros, geralmente, são de outras regiões, principalmente do Sul e Sudeste do País. O motivo principal disso é a localização do parque gráfico. Ele está situado nessas regiões por causa do poder econômico delas. A região Nordeste é a mais pobre. O resultado disso é o livro sobre a subjetividade nordestina sendo produzido por sulistas.

Esse olhar externo se prende a fatos superficiais porque seus autores não têm atravessadas em seu corpo as vozes que atravessam o nordestino. Assim, esse olhar externo se torna o olhar do outro e se carrega da objetividade fornecida pelos fenômenos históricos. Essa objetividade é aceita pela escola e a subjetividade, inerente a qualquer processo

cultural, é ignorada. Esses livros falam de cultura nordestina como se estivessem descrevendo uma fórmula matemática: “Padre Cícero é adorado por todos os nordestinos. José é nordestino. Portanto, José adora Padre Cícero” ou “todo nordestino é cabra da peste porque Lampião era nordestino e era o valentão do Nordeste”. Evidentemente tais afirmações não aparecem nos manuais didáticos de forma tão explícita.

Outro aspecto desses materiais é o isolamento dos elementos constitutivos da cultura nordestina. O fenômeno da seca é mostrado, geralmente, isolado em relação aos movimentos messiânicos, por exemplo. Não há a descrição da mediação própria a tais elementos. Não parece sensato, também, desconsiderar o diálogo existente entre o coronelismo, a política partidária atual e o cangaço nordestino.

Assim, percebe-se a fragmentação dos elementos constitutivos da cultura nordestina nos materiais de referência adotados pela escola, a exemplo do livro didático, dicionários e enciclopédias. O cangaço, por exemplo, é descrito por Rosa (2000: 47) como bandoleiro.

Percebe-se como é possível questionar a validade científica das descrições de fenômenos culturais, complexos por natureza, feitas por dicionários. A sua própria constituição, voltada para o resumo, o sucinto, não é condizente com a necessidade de detalhamento intrínseco aos processos culturais.

Assim, o cangaço, por exemplo, movimento até hoje sem uma visão unânime entre os estudiosos (antropólogos, sociólogos e historiadores) por causa da sua complexidade, é descrito em poucas linhas nos livros didáticos.

É inexistente também a referência ao contexto político e a influência que ele tinha sobre o cangaço, bem como não existe a descrição das histórias de vida dos principais líderes do cangaço para que seus atos sejam melhor compreendidos. Não para serem "perdoados", mas para que o aluno tenha uma referência crítica dos mitos que perpassam sua cultura. Os textos não mostra, também, a relação dos movimentos messiânicos, da Igreja Católica, do coronelismo, da polícia e da seca com o cangaço, dando, assim, como lícito o isolamento de tais aspectos do universo que constitui a identidade nordestina.

Outro elemento forte constituinte da identidade nordestina é a religiosidade. Como desmembramento, surgiu o messianismo, terminologia que define os movimentos caracterizados pela busca e defesa do Sagrado, ocorridos no Nordeste principalmente durante a República Velha(século passado). Nesses movimentos, milhares de pessoas obedeciam às regras impostas por um líder religioso, como Antônio Conselheiro( Revolta de Canudos) e João Maria (Guerra do Contestado), visto como monge, profeta e santo por seus seguidores.

O olhar dos livros didáticos sobre o messianismo está voltado para a explicação dos fatos e ignora uma possível descrição dos aspectos psicológicos/subjetivos intrínsecos à religião. Dessa forma, é apresentada como eixo central do discurso a relação entre revoltas e messianismo. A influência histórica da Igreja Católica, por exemplo, não é mencionada como elemento importante na construção desses movimentos.

Ao descrever o messianismo, os materiais de referência adotados pela escola preconizam o aspecto político como um "beco" para o qual todos os elementos convergem. Porém, essa

postura, ao que parece, é incapaz de explicar os mitos que perpassam a subjetividade dos nordestinos.

O Padre Cícero, por exemplo, não pode apenas ser visto como um adepto das teorias de Maquiavel. Essa postura nos parece ingênua, uma vez que a consciência de todo o processo de suas ações não era característica sua. Ele acreditava nos seus milagres porque era constituído pelas mesmas vozes que habitam o nordestino. Analisar isso sob a ótica apenas do político é simplificar algo complexo por natureza.

Afirma-se que o Padre Cícero continua sendo o "padim dos milhares de romeiros que vão anualmente a Juazeiro para orar o pedir-lhe proteção espiritual". O espaço reservado nos livros didáticos geralmente, para discutir tal mito é pequeno (em conteúdo e em linhas) e o tom político é marcante.

Nas enciclopédias, a visão sobre o Padre Cícero ainda é mais fragmentada porque se prende ao aspecto histórico apenas. Ele é descrito como um sacerdote nascido no Ceará e que exerceu grande influência religiosa e política no sertão nordestino.

O Frei Damião, outro líder religioso que influencia a subjetividade do nordestino, não tem descrição nos livros didáticos, nos dicionários nem nas enciclopédias. Esse "silêncio" representa o olhar, voltado apenas para o passado, desses materiais.

Outro mito que perpassa a cultura nordestina é a figura do vaqueiro. Oriunda do século XVII, quando se deu o início da criação de bois trazidos de Cabo Verde, também colônia de Portugal, ele representava prestígio entre os outros trabalhadores que serviam aos senhores das sesmarias, conforme Ribeiro, (1995: pág. 339). Ele tinha destreza, força e era muito útil para o aumento das riquezas do seu senhor.

Nas enciclopédias, a visão sobre o Padre Cícero ainda é mais fragmentada porque se prende ao aspecto histórico apenas. Ele é descrito como um sacerdote nascido no Ceará e que exerceu grande influência religiosa e política no sertão nordestino.

O Frei Damião, outro líder religioso que influencia a subjetividade do nordestino, não tem descrição nos livros didáticos, nos dicionários nem nas enciclopédias. Esse "silêncio" representa o olhar, voltado apenas para o passado, desses' materiais.

Outro mito que perpassa a cultura nordestina é a figura do vaqueiro. Oriunda do século XVII, quando se deu o início da criação de bois trazidos de Cabo Verde, também colônia de Portugal, ele representava prestígio entre os outros trabalhadores que serviam aos senhores das sesmarias, conforme Ribeiro, (1995: pág. 339). Ele tinha destreza, força e era muito útil para o aumento das riquezas do seu senhor.

Passados vários séculos, o vaqueiro ainda detém essa imagem de ser mitológico, de herói do sertão nordestino. Por esse motivo, ele, comumente, é a :figura do Cristo nas obras dos artistas populares, como artesãos, gravuristas, violeiros e cordelistas. Desconsiderando esse aspecto mitológico, os dicionários descrevem-no como "um guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado".

O fenômeno de maior influência sobre a identidade nordestina talvez seja a seca. É o período em que as chuvas se tornam escassas (média de 300 a 500 mm por ano), concentrando-se em dois ou três meses por ano. Não consideramos, evidentemente, tal fenômeno restrito aos habitantes do sertão nordestino, pois se assim o fizéssemos estaríamos estabelecendo limites geográficos pra a identidade social. A seca atravessa a

subjetividade da população do Nordeste independentemente da área em que ela esteja localizada (Sertão ou Zona da Mata, por exemplo). Assim, não nos parece sensato validar as descrições de tal fenômeno, considerando apenas os limites espaciais, econômicos e políticos, postura adotada pelos livros didáticos.

Descrever a seca limitada a espaços e a efeitos climáticos não parece suficiente para que o aluno perceba as influências de tal fenômeno sobre a vida, seu comportamento, seus sonhos, desejos e sua fala. Dessa forma, não é possível delimitar a seca porque ela faz parte do universo cultural de um povo e é impossível circunscrever esse universo.

Uma das possíveis causas desses olhares fragmentados que perpassam os materiais de referência da escola, como o livro didático, a enciclopédia e o dicionário quando tentam descrever o universo cultural de um povo é o etnocentrismo. Os autores desses materiais são, na maioria de outras regiões como a Sudeste, onde estão concentradas as grandes editoras. Assim, um paulista tenta descrever os elementos da cultura nordestina segundo a sua ótica. Dificilmente terá êxito nessa ação porque tais elementos fazem parte da identidade cultural nordestina e esse tem maior legitimidade para falar dela.

Considera-se, nessa discussão, a identidade cultural, tendo como uma das referências as palavras de Geertz (1999):

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essastteias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de expressões sociais enigmáticas na sua superfície. (pág. 15).

Para o sociólogo francês, a pós-modernidade tem três vertentes: o hedonismo, o tribalismo e o nomadismo. Colocada assim, a questão da pós-modernidade parece simples. Essa visão talvez esconda a complexidade que a envolve. Tome-se como exemplo os conceitos de tribalismo e de nomadismo, opostos por natureza, e coloque-os num mesmo contexto e será possível visualizar a complexidade, essência da contemporaneidade.

Assim, considerando a complexidade como o aspecto norteador da pós-modernidade, entende-se que se torna difícil apresentar uma leitura definida sobre a identidade contemporânea. Isso porque o sujeito atual está fragmentado por fazer parte desse universo multifacetado que é a pós-modernidade.

Esse sujeito transitou entre a segurança total do Iluminismo, quando era o centro de tudo, até chegar ao que é hoje: mais um elemento entre tantos outros constitutivos do universo contemporâneo.

Sem perder de vista essa desterritorialização típica da pós-modernidade, é possível analisar os elementos que constituem a identidade cultural nordestina à luz do que já foi dito. Para isso, considera-se, neste trabalho, como lícitos os elementos convencionais como o vaqueiro, a seca, a religiosidade, o cangaceirismo e tantos outros.

Então, inicialmente, pode-se recorrer às palavras de Severino, em “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto (apud Nicola, 1998) para a compreensão das marcas que constituem a identidade cultural (e social) nordestina:

O meu nome é Severino  
Não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos  
Que é santo de romaria  
Deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
Como há muitos Severinos

Com mães chamadas Maria.  
Fiquei sendo o da Maria  
Do finado Zacarias.  
Mas isso ainda diz pouco:  
Há muitos na freguesia.  
Por causa de um coronel  
Que se chamou Zacarias  
E que foi o mais antigo  
Senhor desta sesmaria. (pág.391)

A construção da identidade nordestina perpassa a fala de Severino logo no início do poema, quando ele tenta apresentar-se. A dificuldade principal reside na ausência de um sobrenome que diferencie dos demais “o meu nome é Severino/não tenho outro de pia”. Para o personagem, é dilacerante a constatação do anonimato oriundo da inexistência de um “nome de família”, conseqüência do capitalismo e da Revolução Industrial em que as famílias passaram a possuir o sobrenome como marca de prestígio e de diferenciação. Assim, Severino tenta dizer quem é e a que vai.

Alguns elementos constitutivos da cultura nordestina atravessam esse poema narrativo já consagrado como uma das referências de análise da subjetividade do homem nordestino. Pode-se perceber a citação aos mitos. A religião, as novenas estão na comparação do personagem e de santo “que é santo de romaria”; Severino, assim como Jesus, tem uma mãe chamada Maria e, da mesma forma, sofre por causa dos erros dos homens; o coronelismo, aspecto importante do universo nordestino, também tem seu espaço “por causa de um coronel/que se chamou Zacarias/e que foi o mais antigo/ senhor desta sesmaria”; o espaço geo gráfico nordestino, marcado pelo clima quente e pouca chuva, é simbolizado nas expressões “vivendo na mesma serra/magra e ossuda em que eu



vivia”; os traços físicos “cabeça grande”, “ventre crescido” e “pernas finas” fazem referências ao biótipo do nordestino e ao contexto social.

As condições sociais do Nordeste são as piores do Brasil, segundo dados do governo federal. A mortalidade infantil é alta, o desemprego, causado principalmente pela falta de estrutura no campo, é o maior entre as outras regiões e o analfabetismo tem sua maior concentração em tal região, a mais pobre do país. A seca, algo constante, já matou milhares de pessoas e os seus efeitos não foram amenizados pelas políticas públicas. O tratamento que o nordestino recebe é indiferença, talvez porque “o sangue que usamos tem pouca tinta”.

Por causa da seca, milhares de nordestinos são obrigados a emigrar pra outras regiões para não morrer de fome, para não morrer de “morte Severina: que é a morte de quem se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia”.

A simbologia do verso “que em vossa presença emigra” retoma o contexto em que o fenômeno da seca ocorre. Severino, a personificação da identidade nordestina por ter atravessado em seu corpo as principais vozes que atravessam o Nordeste, foge “em vossa presença”. Outro, o suposto “irmão” de outras regiões, considerando a fábula do Brasil como nação, presencia o que acontece com Severino “e melhor possam seguir/a história da minha vida”. O tom político é de alienação, uma vez que apenas presenciar sugere não agir.

Durante o restante do poema, Severino retirante percorre o leito seco do Rio Capibaribe (Pernambuco) e passa pelas regiões típicas da geografia do nordeste: o Sertão, o Agreste, a Zona da Mata até chegar ao litoral. Na viagem, depara-se com muitas mortes

severinas e com a presença marcante da religiosidade. O final do poema é caracterizado pelo nascimento de um menino. A descrição é semelhante à presente da Bíblia ao narrar o nascimento de Cristo. O ambiente é de esperança porque a criança representa renovação “E não há melhor resposta/que o espetáculo da vida/... mesmo quando é a explosão/de uma vida Severina”.

Outra obra artística que tem como foco principal do seu enredo a identidade nordestina é “O Auto da Compadecida”, do escritor paraibano e naturalizado pernambucano Ariano Suassuna. A versão televisiva dessa peça, produzida na forma de uma microssérie em três capítulos pela Rede Globo de Televisão, teve grande audiência em todo país.

A história se passa no sertão da Paraíba. Narra as aventuras de João Grilo e de seu amigo, Chicó. O enredo está voltado para as trapaças que essa dupla produz, envolvendo as figuras mais “einentes” da cidade. Sem família, os dois, inicialmente, resolvem pedir emprego ao padeiro, homem com muito apego ao dinheiro. Constantemente traído pela esposa, o padeiro tem uma participação central na trama, pois a partir de suas ações que João Grilo, “o quengo mais fino do Nordeste”, inicia as “embrulhadas”.

A dupla engana o padre, o major Antônio Moraes, o padeiro, o cangaceiro e o comandante militar (cabo setenta). A narrativa é marcada pela tentativa da dupla ficar rica e pelas histórias de fundo maravilhosas, contadas por Chicó. O aspecto cômico que marca tal obra, diferentemente da dramática “Morte e Vida Severina”, não impedem a sugestão de um olhar crítico sobre os costumes da sociedade nordestina e os elementos que constituem sua identidade.

João Grilo, pobre, magro, estrábico, feio e, semelhante a Severino, sem família (sobrenome importante para poder se diferenciar dos outros) simboliza o nordestino comum seja ele da periferia das grandes cidades ou do sertão marcado pela seca. A diferença principal do personagem criado por Suassuna para aquele de “Morte e Vida Severina” está condição de luta e na consciência da necessidade de não se acomodar com os problemas. Assim, vemos João Grilo, um “amarelo que não vale nada”, vencer os poderosos do nordeste, mitos que atravessam a cultura de tal região há séculos.

A Igreja é desmascarada pela dupla de heróis. Ela é mostrada como subserviente diante do major Antonio Moraes, uma referencia ao coronelismo. Historicamente, essa postura de submissão da Igreja Católica, aqui no Nordeste, tem fortalecido os políticos os “chefes” locais, donos de grande quantidade de terras e/ ou indústrias. São reis porque a maioria é pobre. Detêm, assim, poder sobre o destino dos mais fracos.

A pequena burguesia, representada pelo padeiro, também é vencida por João Grilo e Chicó. Além de fazer negociatas com a mulher adúltera do patrão, a dupla consegue, de várias formas, engana-lo para poder tirar dinheiro. Revoltados porque não receberam a atenção de que Bolinha tem (a comida dela é muito melhor que a deles), os dois heróis não poupam esforços para humilhar o casal.

O coronelismo, postura política de forte influência nos costumes do Brasil, e principalmente do Nordeste, é vencido por João Grilo e Chicó quando este casa-se com a filha do Major Antonio Moraes, mesmo contra a vontade do poderoso que queria sua filha casada com um homem valente ou doutor(Chicó era medroso e analfabeto). O Grilo, com ajuda de Rosinha, a noiva, consegue vencer a tirania do major apresentando o colega como

sendo um grande fazendeiro e advogado. Todas essas trapaças tinham o aval do padre o do bispo, numa forte crítica “ao apego às coisas materiais” que tem caracterizado a Igreja historicamente.

Um poder paralelo às instituições legais, criado no século XIX e que teve seu fim em 1940, é mostrado como um dos vencidos, enrolados por João Grilo e Chicó: o Cangaço. Quando Severino de Aracaju, o líder cangaceiro, aceita morrer pensando que uma gaita dada pela dupla infernal o faria sobreviver, é “passado pra trás”, numa demonstração de que nenhuma forma de governo é lícita/justa no sofrido Nordeste.

O cangaço, constituído, sobretudo, por elementos complexos, marca fortemente a subjetividade nordestina. Teve como líder maior Virgulino Ferreira da Silva, conhecido por Lampião, tido como herói por desafiar, matar, roubar e extorquir os poderosos do coronelismo, da Igreja e do empresariado. Ele representava os desejos do povo nordestino: fazia aquilo que muitos gostariam de fazer, revoltados com as condições sociais de miséria impostas por tais líderes detentores do poder político<sup>4</sup>.

“O Auto da Compadecida” mostra um cangaceiro em ação. Quase todos os personagens principais (João Grilo, o padre, o bispo, o padreiro e sua esposa) são mortos na igreja da cidade por ordem de Severino de Aracajú. É nesse espaço em que ocorrem as cenas finais que compõem o julgamento. É mostrado um tribunal, com satanás acusando os réus e Jesus Cristo como juiz.

Essas cenas são marcadas pelas referências à identidade social do nordestino. O racismo, aspecto ainda cristalizado na sua subjetividade, é simbolizado quando João Grilo e, por esse motivo, ele recebe “nova chance”, ressuscitando; o cangaceiro Severino de Aracajú, único a

receber a salvação, teve suas ações justificadas pelo contexto em que viveu (quando era criança, seus pais foram mortos pela polícia); a imagem do Deus e do Diabo católicos também perpassa tal obra.

Percebemos na leitura dessas obras artísticas as pistas da constituição da identidade nordestina. Os elementos que são significados a tal identidade estão contidos nelas porque seus autores os têm atravessados como vozes, pois são nordestinos (João Cabral de Melo Neto, autor de *Morte e Vida Severina*, é Pernambuco e Ariano Suassuna tem suas raízes fincadas na Paraíba). Evidentemente, por se tratar de arte, há a predominância do olhar subjetivo sobre tais elementos e aqui colocamos uma questão: na análise e/ ou produção de culturas, a postura da escola privilegia os materiais que falam objetivamente da cultura, como livro didático e o dicionário. Os produtos artísticos, como poema e o filme, subjetivos por natureza, não são utilizados como referências para a abordagem do processo cultural porque têm uma lógica diferente da preconizada no espaço escolar.

Dessa forma, é lícito acreditar que existe um equívoco nas práticas institucionalizadas, as quais são apresentadas nos materiais didáticos, como o livro adotado pela escola. Assim, a postura adotada pelos sujeitos mediadores do processo escolar, os educadores, constantemente ignoram outros materiais de apoio, aqueles de natureza subjetiva, a exemplo da literatura de cordel.

### 2.3.1. O CORDEL E A CULTURA NORDESTINA

É importante situar alguns posicionamentos construídos ao longo da história de análise literária no Brasil sobre a Literatura de Cordel como elemento da cultura nordestina.

Em princípio, pensamos discutir o próprio nome dessa manifestação artística (cordel), consubstanciado pelas obras já existentes que tratam do assunto. Em seguida, serão analisados os pressupostos que norteiam alguns aspectos inseridos no universo dessa literatura, a exemplo dos ciclos temáticos, da cultura popular x cultura erudita, do conceito de arte e texto-literário e da representação social do nordestino.

O nome provém de Portugal, país que colonizou o Brasil, e data do século XVII. A palavra cordel é por causa do barbante (que significa cordel no português daquela época) em que os pequenos livros (folhetos) ficavam pendurados, em exposição.

No Nordeste brasileiro, permaneceu a forma de comercialização e o nome. Tais livros são expostos nas feiras livres pendurados por pregadores de roupa, em barbantes esticados entre dois paus ou fixados em caixas de madeira. O autor de cordel é, geralmente, semi-analfabeto, morador de espaços rurais e tem mais de quarenta anos. Define-se como "homem do povo", defende os costumes tradicionais e demonstra respeito profundo às normas da Igreja Católica. O leitor dessa literatura é, na maioria das vezes, agricultor e compartilha dos mesmos valores do cordelista.

No Brasil, o cordel existe há mais de cem anos e tem como raiz o repente, atividade competitiva em que homens disputam em duplas construindo poemas musicados com a viola. O evento que proporciona essa competição é denominado de Congresso de Violeiros. Nele, existem normas norteadoras da construção dos versos dentro de um determinado tempo e a partir de um tema entregue na hora aos competidores. Daí o nome "repente". Diferente do cordelista, que conta com o tempo que quiser para escrever suas histórias, o violeiro tem apenas alguns minutos (segundos, às vezes) para concluir os

versos. No final da competição, há um prêmio em dinheiro para a dupla que se consagrar campeã conforme as notas de uma banca de jurados, pessoas conhecedoras do processo de construção de tal manifestação artística.

O tamanho dos livros varia conforme o tipo de história. Se for folheto, contendo entre oito e dezesseis páginas, terá 15 cm x 16 cm; se for um romance, tendo entre trinta e duas e sessenta e quatro páginas, terá 15cmx 20em.

Sobre o nome dado hoje a essa literatura, Abreu (1993: pág. 242) estabelece uma análise comparativa entre o cordel português e o cordel nordestino. Para ela, existem diferenças substanciais. A primeira é a origem. Essa manifestação artística nordestina não teria em Portugal sua matriz como afirmam os poucos estudos a respeito do assunto. A segunda é a estrutura. Em Portugal, a maneira de combinar as rimas não coincide com a forma que os brasileiros o fazem. Além disso, os nordestinos usam a narrativa em verso enquanto os portugueses têm as suas obras estruturadas em prosa.

Assim, a autora prefere denominar a "produção portuguesa de literatura de cordel e a nordestina de literatura de folhetos". Essa teoria, eixo norteador de sua pesquisa, embora contribua significativamente na discussão, deixa algumas lacunas e contradições.

Dada a complexidade dessa expressão artística, não me parece sensata qualquer tentativa de classificação, pois, num movimento inverso, é visualizar o enquadramento da arte em blocos. Dessa forma, diferenciar o cordel português do cordel nordestino, atribuindo-lhes nomenclaturas distintas inclusive equivale a encaixota-los em blocos separados.

Considerando a mobilidade existente no processo cultural, não é adequada a postura científica de classificar os elementos constitutivos dessa cultura, pois ficaria implícita a

idéia de que tais elementos são estanques. Por outro lado, se forem pontuais, que validade têm essas classificações?

Dessa forma, questionamos a validade das classificações para elementos culturais. Nesse estudo, discutimos a possibilidade da não-classificação dos folhetos de cordel, mesmo porque a nomenclatura (cordel) é, ao contrário do que afirma Abreu, amplamente aceita pelos produtores, promotores, estudiosos (salvo algumas exceções) e leitores desse tipo de literatura.

Os autores dos folhetos os denominam de cordel. Nesse momento, voltamos para a questão da legitimidade dos olhares. Se o poeta, sujeito envolvido diretamente no processo de construção, prefere tal denominação não se torna pertinente outra designação sugerida por outros olhares -externos- e que tentam influenciar nesse objeto de tantos estudos (classificatórios)

De fato, a denominação de cordel para esse tipo de literatura não tem sido amplamente aceita por alguns teóricos. Esses preferem denominá-los de “literatura nordestina em versos”, “literatura popular nordestina” ou “folhetos nordestinos”. Os motivos para tais posturas vão desde a discordância da teoria que afirma ser a cultura portuguesa matriz dessa literatura até postulados sociológicos, como assinala Nova (1995):

Logo se vê que essa denominação-literatura de cordel- é uma  
criação da elite intelectual que não lê  
essa literatura. Folheto é a  
palavra usada pelo homem do povo, quando a ela se refere.(pág.11)



Nova recusa e terminologia “cordel” e prefere “folheto”. Ele não aprofunda a questão e anuncia como argumentação que apóia sua tese a visão emotiva de que essa terminologia “é uma criação da elite intelectual que não lê essa literatura”. Mais adiante, o autor concorda com a idéia de que o cordel nordestino tem as suas origens em Portugal:

A tradição dessas publicações populares, predominantemente em verso, nos vem da Europa. Era corrente entre os portugueses, já no século XVIII, a expressão literatura de cego, por conta da lei promulgada por Dom João V, em 1789, permitindo à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar com tais brochuras (pág. 14)

Negar a terminologia Literatura de Cordel é adquirir uma postura equivocada. Primeiro porque tal postura recusa os desejos daqueles envolvidos diretamente com ela (poeta e leitor); segundo, na denominação de “folheto” subjaz a idéia de que as obras constituintes desse tipo de literatura não são livros e sim brochuras e isso é negar o caráter literário aos textos de cordel.

Ao se referir a esse tipo de texto, Chauí (1994), num estudo sobre a cultura popular no Brasil, prefere a terminologia “literatura de cordel nordestina”:

A elaboração de conhecimentos ou de um saber no interior das adversidades é o que ressalta do estudo da literatura de cordel nordestina, feito por Ruth Terra. Esse trabalho mostra os procedimentos literários de constituição de uma memória de lutas populares (pág. 115).

Logo se vê que essa denominação-literatura de cordel- é uma criação da elite intelectual que não lê essa literatura. Folheto é a palavra usada pelo homem do povo, quando a ela se refere.(pág.11)

Nova recusa e terminologia “cordel” e prefere “folheto”. Ele não aprofunda a questão e anuncia como argumentação que apóia sua tese a visão emotiva de que essa terminologia “é uma criação da elite intelectual que não lê essa literatura”. Mais adiante, o autor concorda com a idéia de que o cordel nordestino tem as suas origens em Portugal:

A tradição dessas publicações populares, predominantemente em verso, nos vem da Europa. Era corrente entre os portugueses, já no século XVIII, a expressão literatura de cego, por conta da lei promulgada por Dom João V, em 1789, permitindo à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar com tais brochuras (pág. 14)

Negar a terminologia *Literatura de Cordel* é adquirir uma postura equivocada. Primeiro porque tal postura recusa os desejos daqueles envolvidos diretamente com ela (poeta e leitor); segundo, na denominação de “folheto” subjaz a idéia de que as obras constituintes desse tipo de literatura não são livros e sim brochuras e isso é negar o caráter literário aos textos de cordel.

Ao se referir a esse tipo de texto, Chauí (1994), num estudo sobre a cultura popular no Brasil, prefere a terminologia “literatura de cordel nordestina”:

Com a chegada da televisão e de outros veículos mediáticos, os consumidores de cordel exigiram a modernização das ilustrações. Foi a partir dessa postura que os livros de cordel passaram a estampar em suas capas fotografias e/ou desenhos, tendo como auxílio os recursos computadorizados (em anexo, seguem alguns exemplos de xilogravuras- geralmente usadas nos folhetos- e das capas dos romance).

### 2.3.1.O UNIVERSO TEMÁTICO DA LITERATURA DE CORDEL

A tentativa de classificação considera possível enquadrar a literatura de cordel, visualizando a estrutura dos versos e a temática. Essa é a mesma postura adotada pelos críticos na análise da chamada literatura erudita quando adotaram, inclusive as “escolas literárias”. Ao proceder da mesma maneira para com o cordel, dois aspectos se sobressaem: o primeiro é redenção. Como o cordel tem sido, historicamente, visto como subliteratura ou paraliteratura, aplicou-se os mesmos métodos de análise (e classificação) da literatura convencional; o segundo diz respeito à contaminação do objeto: os poetas passaram a construir suas obras conforme os olhares produzidos pelos estudiosos. Por esse motivo, a linguagem, por exemplo, passou a se aproximar do padrão formal culto da língua portuguesa, provocando pobreza no ritmo e na caracterização principal do cordel que é a representação social do homem sertanejo e seu nível de linguagem (popular).

Além desse olhar sobre a estrutura dos versos, esses estudos classificatórios também produziram uma teoria sobre a temática do cordel, mesmo reconhecendo o aspecto movediço que lhe é comum. Surgiu, então, a visão dos “ciclos temáticos” (Suassuna, 1986):

o satírico, o picaresco, o heróico, o pitoresco, o cômico, ode amor e fidelidade, o político, o obsceno e o religioso. É uma tentativa de dividir os livros de cordel por blocos.

Os ciclos temáticos não conseguem vislumbrar o corpus da Literatura de Cordel. Primeiro porque a estrutura dos versos, ao contrário do que se afirma, não é fixa.

Assim, encontramos livros com narrativas feitas em seis, sete e até oito versos. O decassilabo, preferido para as pelejas, também serve para outros gêneros. Além disso, as pelejas não deixam de ser, por sua vez, também narrativas.

Outro motivo que descredencia a validade dos ciclos é a diversidade temática. A Literatura de Cordel não está presa a temas específicos. Todos os mitos perpassam seu corpus. Dessa forma, não é pertinente considerar os livros de cordel divididos em blocos (heróico, obsceno, religioso, histórico, pitoresco-cômico, fantástico e de amor e fidelidade).

O caráter movediço, comum no universo cultural, é elemento constante na produção de cordel. Encontramos livros que tematiza aspectos religiosos, heróicos, fantásticos e históricos na mesma história. É o caso do livro “História do Vaqueiro Damião”, de Mínelvino Francisco Silva<sup>8</sup>. Nela, está presente o vínculo religioso no nome do personagem principal (Damião), numa referência ao Frei Damião que, com Padre Cícero, forma a dupla de maiores “santos” do Nordeste, mesmo sem o reconhecimento oficial da Igreja Católica. O heróico consiste, neste livro, na concepção do vaqueiro como homem valente e, às vezes, medroso conforme a situação. Isso nos permite avaliar a mudança também na forma de apresentação dos mitos nordestinos nesse tipo de literatura. O vaqueiro não é um herói clássico. Ele também tem medo e é preguiçoso em algumas

situações. Uma cisão diferente da apregoada de que esse mito da cultura nordestina é, sempre, corajoso, forte, sábio e trabalhador.

A hibridização na cultura é elemento constante. A Literatura de Cordel, parte desse universo, obviamente, é contaminada por essa mistura. Por esse motivo, a poesia popular nordestina, quer escrita, quer oral, tem um universo multifacetado que vem desafiando muitos pesquisadores. Assim, qualquer tentativa de classificação geral tem-se mostrado inadequada do ponto de vista científico.

A complexidade da Literatura de Cordel provoca a inviabilidade das análises classificatórias como tem sido feito, ou seja, partindo de uma concepção histórica. O *Corpus* dessa literatura é difícil definição. Essa visão é compartilhada por Menezes (1998), quando ele anuncia três períodos para as produções de cordel:

I – O primeiro período apresenta-se com a aparência de uma recusa da história: boa parte dos textos dessa época concentram-se em torno da velha tradição medieval dos romances de cavalaria e, de modo mais específico, gravitam à volta da figura de Carlos Magno e de seus pares.

II – O segundo período é o da clara aceitação da história, ou talvez, mais precisamente, o da incorporação nela do herói popular nordestino, tipicamente rural, embora já se inicie desde de então um processo de urbanização de temas e personagens.

III – Por fim, o período mais recente, que parece caracterizar-se pelo predomínio de folhetos que contam a história acontecimental do presente, revelando vários sintomas de ruptura da unidade e da identificação de suas velhas matrizes sociais criadoras, bem como de sua crescente folclorização.

Menezes (1998), embora apresente uma nova possibilidade de análise sobre a estrutura do cordel, não tem uma postura diferente de outros estudiosos que classificaram-no em blocos. A diferença é que ele faz um corte histórico, mas os três grupos sugeridos simbolizam, guardadas as proporções, os ciclos temáticos.

Portanto, as tentativas de classificação para os livros da Literatura de Cordel têm se mostrado inócuas. O seu *corpus*, em princípio, passível de enquadramento, apresentar-se em movimentos constantes, invalidando, assim, qualquer possibilidade de visão estanque. Além disso, a divisão em ciclos fere a intertextualidade, elemento intrínseco ao texto literário e presente no cordel como produção literária que é.

Essa discussão sobre a tipologia textual da Literatura de Cordel tem norteado alguns estudos voltados, também, para a classificação dela. É comum percebermos a dúvida epistemológica sobre a concepção de texto do cordel: literatura ou subliteratura? Arte ou produto cultural apenas? Folclore? Imitação ou originalidade?

Sobre o assunto, Samuel (1985) faz algumas observações que servem para pautar a postura adotada neste trabalho:

“Voz e ritmo que provêm de um ambiente socialmente paupérrimo, o cordel é capaz de atingir a mais refinada beleza, utilizando imaginação e sonho como forma, senão de superar a adversidade do meio, pelo menos de fazer reconhecer que ali vivem seres humanos (...) uma cultura cristalizada pelos letrados tende a classificar o cordel, estética e sabedoria do povo, com algo que faria parte de um mundo ingênuo, pitoresco, típico, anônimo, folclórico. A mesma tradição, arraigada nos meios escolarizados da própria Europa, comunga da crença de que existe o padrão de arte ocidental, inatingível e inabalável cume de arte internacional em todos os tempos. Os provérbios, os travalinguas, os romances de histórias de cordel, as histórias da velha Totonha e de Trancoso, sempre atualizadas pela magia do ritmo oral, constituem uma expressão acabada, adulta e completa. São árvores na nossa cultura e não raízes, como gosta de definir a referida tradição racionária.(pág. 171-172)

O caráter movediço, comum no universo cultural, é elemento constante na produção de cordel. Encontramos livro que tematiza aspectos religiosos, heróicos, fantásticos e históricos numa mesma história. É o caso do livro 'História do Vaqueiro Damião', de Minelvino Francisco Silva. Nela, está presente o vínculo religioso no nome do personagem

principal (Damião), numa referência ao Frei Damião que, com o Padre Cicero, forma a dupla de maiores "santos" do Nordeste, mesmo sem o reconhecimento oficial da Igreja Católica. O heróico consiste, neste livro, na concepção do vaqueiro como homem valente e, às vezes, medroso conforme a situação. Isso nos permite avaliar a mudança também na forma de apresentação dos mitos nordestinos. Nesse tipo de literatura, o vaqueiro nem sempre é o herói clássico. Ele também tem medo e é preguiçoso em algumas situações. Uma visão diferente da apregoada de que esse mito da cultura nordestina é, sempre, corajoso, forte, sábio e trabalhador.

### 2.3.2 O CORDEL COMO TEXTO

A preferência da escola por alguns tipos de textos também tem despertado acaloradas discussões. Nesse contexto, recorreremos a Geraldi (2000), pois ele defende a tese de que a escola tem recusado certa tipologia textual por causa do conceito de ciência que tem norteado as atividades no espaço escolar brasileiro:

*As atividades de aula estão marcadas pelo projeto mais amplo de cientificidade das ciências humanas, e é este projeto que deu sustentação social à preferência pelos textos pragmáticos, em prejuízo da presença mais marcante da literatura no conjunto de textos postos nas mãos dos estudantes para leitura e como "modelos" de textos a serem produzidos (pág.138)*

Historicamente, a escola nordestina tem reservado ao cordel a condição de não-texto. Assim, os livros desse tipo de literatura são, no espaço escolar, um objeto estranho, não identificado, apesar dos estudos já desenvolvidos sobre sua origem, estrutura temática, metrificação etc. Para a escola, o cordel é desprovido de sentido. No silêncio dela subjaz o

pressuposto da impossibilidade que tal manifestação artística tem de criar o movimento que resulta na construção de significados.

A escola tem utilizado o texto como ponto de referência principal de suas atividades. Uma postura sensata, uma vez que ele materializa os desejos/movimentos intrínsecos à sociedade. Naturalmente, a escola faz escolhas porque não é todo tipo de texto que serve em todas as atividades.

Sobre a textualidade, Travaglia e Koch (1997) afirmam:

A base da coerência textual é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões lingüísticas do texto e que deve ser percebida tanto na codificação(produção) como na decodificação(compreensão) dos textos. Texto incoerente é aquele em que o receptor(leitor ou ouvinte) não consegue descobrir qualquer continuidade de sentido, seja pela discrepância entre os conhecimentos ativados seja pela inadequação entre esses conhecimentos e o seu universo cognitivo. Texto coerente é o que faz sentido para os seus usuários (pág. 56).

À luz das considerações acima, constata-se que o cordel é um texto, um produto socialmente construído. Porém, a literatura de cordel ainda é vista como algo exótico. A prática do professor, quando a ela se refere, é, não raro, fragmentada.

Assim, os alunos são convidados a escrever "textos em cordel" ou, em gincanas, devem procurar folhetos que devem ser doados à biblioteca da escola. Esse tom de raridade, algo velho sobre o cordel reforça a idéia de que ele está morrendo. Isso faz com que o aluno associe "museu" ao cordel, ou seja, que suas produções devem ser guardadas e não analisadas. Dessa forma a funcionalidade do cordel está voltada para a memória do individual e não para a compreensão da subjetividade coletiva do nordestino.



#### 2.4. O ERUDITO E O POPULAR NA SALA DE AULA

Com o advento do neoliberalismo, a força do mercado sobre as instituições aumentou consideravelmente. Dessa forma, a escola, diferente do que afirmou Althusser, está a serviço do mercado e não mais do Estado. Por esse motivo, o espaço escolar reforça atitudes reacionárias, como a legitimação da sociedade dividida em classes.

Assim, a população é separada por grupos para que não se misturem. Os bancos comerciais materializam bem essa postura quando dividem as filas para "clientes especiais" e "atendimento em geral". As listas no piso sinalizam a divisão: as pessoas pertencentes a classes diferentes não podem se misturar. Cada grupo tem um "caminho" a percorrer até chegar ao caixa.

A escola legitima essa divisão quando considera como padrão o comportamento da classe dominante. Por isso, a maneira de falar, escrever, vestir, comer e sonhar da elite dominante (intelectual e/ou economicamente) é tida como a que dever ser imitada. Quem desobedecer é marginalizado, ridicularizado porque ficou fora da ordem.

A literatura de cordel, por representar os desejos daquelas pessoas que são atendidas no banco na fila "atendimento em geral" e não na do cheque especial, recebe toda essa carga de repúdio. Dessa forma, a linguagem dela é considerada "errada" e o seu material, pobre, rudimentar, feio nessa era do computador em que tudo lembra sofisticação. Isso porque na escola o belo tem o corpo do tecnológico, do virtual, do high tech.

A questão da cultura popular e cultura erudita, de fato, desperta muitas discussões. Se na economia essa divisão é clara, no processo cultural ela fica complexa, confusa. Os

movimentos norteadores desse estão imbricados com elementos dispersos, nem sempre visíveis, classificáveis.

Por outro lado, é certo que o elemento que se apresenta com uma carga representativa de uma determinada classe recebe a leitura simbólica voltada para essa classe. Assim, os aspectos representativos da classe dominante são "bem vistos", enquanto que os da classe popular "são mal vistos".

Esse olhar negativo sobre os elementos das classes populares é produzido, principalmente, pela elite econômica e cultural. As pessoas pertencentes aos grupos desfavorecidos socialmente sofrem, então, a interferência desse olhar e passam a ver esses elementos como coisas feias. Para Chauí (1994),

A expressão Cultura Popular, como já bastante observado, é de difícil definição. Seria a cultura do povo ou a cultura para o povo? A dificuldade, porém, é maior se nos lembrarmos de que os produtores dessas cultura- as chamadas classes populares- não a designam com o adjetivo popular, designação empregada por membros de outras classes sociais para definir as manifestações culturais das classes ditas subalternas. Assim, trata-se de saber quem, na sociedade, designa uma parte da população como povo e de que critérios lança mão para determinar o que é e que não é popular. (pág. 9-10)

Mais adiante, numa análise sobre o movimento que constitui a cultura popular, a autora discorre sobre a lógica que atravessa tal espaço:

A ambigüidade da Cultura Popular e a dimensão trágica da consciência que nela se exprime poderiam sugerir uma outra lógica, uma racionalidade que navega contra a corrente cria o seu curso, diz não e recusa que a única história possível seja aquela concebida pelos dominantes. românticos ou ilustrados (pág. 15).

A escola reforça essa lógica específica da cultura popular porque para ela o que tem validade (e que precisa ser imitado) é a lógica bem definida, visível da classe dominante.

### CAP. III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de descrever os caminhos percorridos nesta pesquisa, é importante apresentar a tradição dos trabalhos investigativos realizados até agora a respeito do mesmo tema, ou seja, a literatura de cordel.

Assim, julga-se necessário apresentar uma síntese da metodologia de outros trabalhos desenvolvidos como forma de justificar os procedimentos metodológicos deste estudo sobre literatura de cordel.

O objetivo é estabelecer relações entre os estudos já realizados e este que teve questão central um problema do universo da prática docente, tendo como perspectiva o uso do cordel na sala de aula e em diversas disciplinas.

Na primeira parte desse capítulo, há um breve resumo das pesquisas que vêem os livros de cordel como textos, ou seja, um produto socialmente construído. Recusam a hipótese de que o cordel seja apenas manifestação folclórica restrita a uma camada da população nordestina.

Para chegarem a esse resultado, os autores percorreram o caminho da pesquisa descritiva e dos métodos de análise do discurso e/ou de conteúdo. Nesses trabalhos, o principal material fornecedor das respostas para a verificação das hipóteses foi o próprio livro de cordel e/ou os cordelistas. Assim, o livro, o cordelista, o discurso e a descrição são, pode-se

dizer, as principais ferramentas da maioria das pesquisas feitas sobre a literatura de cordel até hoje no Brasil.

Na segunda parte, existe o quadro em que os procedimentos metodológicos dessa pesquisa se inserem e em que pontos eles se aproximam e se distanciam daqueles realizados até agora.

Sem querer contrapor negativamente um olhar sobre a metodologia dos outros trabalhos, mesmo porque eles serviram de ponto de partida para essa pesquisa sobre o cordel, pretendeu-se situar a metodologia de alguns trabalhos de pesquisa sobre o cordel, realizados, obviamente, por motivos diferentes.

A “estranheza do produto” foi o primeiro motivo que indicou o caminho da descrição objetiva como sendo o único possível para os pesquisadores chegarem à resposta satisfatória à pergunta feita na problemática. Assim, o cordel se apresentou, durante muito tempo no Brasil, como um “produto estranho”. Produto por ser texto, portanto, resultado de relações sociais complexas; estranho porque não era produzido e consumido no movimento tradicional da indústria cultural. Ele nascia, desenvolvia-se, reproduzia-se e alguns morriam sem a elite intelectual testemunhar todo esse movimento.

Dessa forma, o cordel era considerado algo estranho que só despertou o olhar investigativo em muitos pesquisadores brasileiros quando perceberam o interesse despertado nos estrangeiros (turistas) por esse tipo de literatura. Evidentemente, os estudos elencados aqui não têm essa premissa, pois seus autores se apoiaram em uma problemática consistente, como veremos a seguir. Essas colocações servem também para dizer, mais uma

vez, que os caminhos percorridos nessa pesquisa, com um peso talvez incomum da primeira pessoa, não são uma contraposição aos já feitos por outros autores.

Uma das principais referências de pesquisa sobre o cordel e que trilhou o caminho da descrição é o estudo para a tese de doutoramento feito por Abreu (1993). Nele, ela aponta as possíveis ramificações desse tipo de literatura, partindo do pressuposto de que, ao chegar ao Brasil, o cordel criou vida própria, desvincilhando-se da estrutura convencional que o aponta como sendo o mesmo produzido em Portugal. Para essa autora paulista, o objetivo de seu trabalho foi:

Confrontar duas produções culturais freqüentemente associadas: a literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos do Nordeste do Brasil. A primeira tem sido apresentada como fonte, origem ou matriz principal da segunda. Apesar do equívoco da hipótese, da falta de estudos sistemáticos ou de análises comparativas que buscassem demonstrar tal vinculação, avolumam-se os textos em que ela é sugerida ou afirmada.

Nessa obra vamos confrontar as duas literaturas, conhecer suas trajetórias históricas, comparar seus textos. Ao final deste estudo, ficará clara a impossibilidade de vinculação dessas duas formas literárias e, então, poderemos discutir as motivações da teoria da vinculação da literatura de folhetos nordestina à literatura de cordel lusitana. (p. 12)

O método utilizado por Abreu é a análise de conteúdo, considerando todos os pressupostos constituintes desse método, como o fator social, pragmático, lingüístico (interacionista), sociológico e psicológico. A autora percorreu o caminho que lhe pareceu mais adequado para checar (e chegar) a hipótese central de seu trabalho: a de que o cordel português tem forma e conteúdo diferentes do cordel nordestino (denominado por ela de literatura de folhetos nordestina).

Essa pesquisa de Abreu chegou ao resultado de que não é possível aceitar como legítima a nomenclatura “cordel”, pois ela designa melhor a produção realizada em Portugal.

O resultado teria sido esse se a autora fosse nordestina e se ela vivesse no meio social em que o cordel é produzido, lido, idolatrado como “texto sagrado”? Obviamente o sagrado aqui retoma o aspecto cultural, ou seja, algo que precisa ser preservado para não morrer o porque dá sentido à vida do nordestino. Seria o mesmo resultado se a metodologia tivesse sido determinada pela história de vida da pesquisadora? Se a autora fosse nordestina, o caminho percorrido entre Brasil e Portugal (literal e simbolicamente, pois a coleta de dados se deu nesses dois países) teria sido o mesmo? Parece-me que não, pois a hipótese central não existiria. Todo nordestino aceita a nomenclatura “cordel” para esse tipo de literatura e Portugal ainda é a fonte matricial dela.

Os estudos de Abreu, além da óbvia contribuição teórica, serviram para que fossem visualizadas melhor as escolhas metodológicas dessa pesquisa. Ao fazer uma análise comparativa, percebeu-se o quanto é possível o afastamento do objeto de pesquisa.

Abreu, por não ser nordestina, considerando a identidade cultural estritamente voltada para o geográfico (ela é paulista), pôde manter-se distante um pouco das questões que constituem a literatura de cordel e chegar ao resultado que mostra o cordel português separado do cordel nordestino. Assim, os limites entre sujeito e objeto não são fáceis de ser determinados e seu movimento não é linear.

Outro estudo que teve a descrição do objeto foi o organizado por Lopes (1994). Nele, existe o essencial sobre esse tipo de literatura (estrutura de rimas e estrofes, temas, autores

e sua bibliografia, publicação de vinte e dois livros na íntegra, função social, linguagem etc) é descrito por quase uma dezena de autores que foram convidados a contribuir para a explicação da literatura de cordel, texto que, por ser produzido em larga escala nas primeiras cinco décadas do século passado e ainda influenciar a vida de milhares de nordestinos, precisava ser explicado.

Como resultado do caminho percorrido Lopes, tem-se uma leitura equilibrada sobre a produção do cordel e sua comercialização no contexto da contemporaneidade brasileira:

O folheto de cordel transmutou-se, nos últimos anos, de peça rústica, pobre, mas submetida a determinados padrões, em peça bem mais rústica em cuja apresentação se expressam, já pelo tipo de impressão, já pelo papel, e principalmente pela capa e sua ilustração, as dificuldades e a improvisação com que é produzido. Ajustada à época e ao contexto em que sobrevive, a literatura de cordel já não trata dos grandes romances de amor e bravura, das longas histórias de príncipes, princesas e reinos encantados. Seus folhetos, hoje resignados, quase sempre, à exigüidade de limites expressa em sua própria denominação-folheto, oito páginas-, restringem-se à abordagem de temas de gracejo, ao registro e comentários de fatos à sátira social e política” (pág.18).

Se o caminho percorrido por Abreu determinou a constatação da hipótese central, a metodologia escolhida por Lopes demonstra, também como resultado, a cristalização de um olhar de desânimo em relação aos textos de cordel contemporâneo que, para ele, “restringem-se à abordagem de temas de gracejo, ao registro e comentários de fatos à sátira social e política”.

Fazendo uma análise comparativa entre esses dois estudos, percebemos o quanto a história de vida do autor interfere no caminho escolhido para verificar as hipóteses. Abreu

centrais desta modalidade. Contudo, há outro elemento que é também constitutivo e que, às vezes, explicita-se, outras vezes, não: a política. Elemento que não pode faltar em qualquer de seus sentidos: desde o mais amplo até o mais estrito” (p. 78).

Com essas considerações teóricas é que se escolheu o método que foi utilizado neste trabalho de pesquisa.

### 3.1. A ESCOLHA DO MÉTODO

Partindo do pressuposto de que a descrição das outras pesquisas realizadas sobre a literatura de cordel não teria aportes para nortear os procedimentos metodológicos desse trabalho, uma vez que o problema dessa pesquisa é fundamentalmente prático, buscou-se suporte teórico-metodológico na pesquisa-ação para que fosse desenvolvida a coleta de dados, assim como afirma Thiollent (1996):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (p.14)

Em McNiff (1992), encontrou-se também esse apoio, quando ele assinala:

A pesquisa-ação é o nome dado a esse tipo de pesquisa tornada popular em educação, pois ela permite aos praticantes avaliarem seus próprios trabalhos. O que a diferencia das formas tradicionais de pesquisa é que ela é conduzida pelos praticantes ao invés de ser conduzida pelos pesquisadores profissionais que fazem a pesquisa sobre os praticantes e suas práticas. A pesquisa é conduzida pelo praticante pois ele quer melhorar seu próprio trabalho, o procedimento de pesquisa começa pela identificação de um aspecto de sua prática que ele deseja estudar aqui e agora.

O procedimento da pesquisa-ação se desenvolve segundo uma perspectiva de resolução de um problema. Ela segue um plano de ação que comporta as seguintes etapas: identificação do problema, proposição de uma solução, implantação da solução, avaliação da solução e modificação da prática (pág.17).



Então, a pesquisa-ação forneceu elementos para o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos desse trabalho. Isso porque o problema de pesquisa, nesse trabalho, é fundamentalmente um problema prático, pertencente ao universo da prática docente. Dessa forma, procurou-se seguir o plano de ação sugerido por McNiff: identificação do problema, proposição de uma solução, implantação da solução, avaliação da solução e modificação da prática.

Na construção dessa mudança de prática, os sujeitos dessa pesquisa estavam profundamente marcados pelos aspectos subjetivos, pois todos eram nordestinos. Todos identificados geografica e culturalmente com tal região. Dessa forma, a questão política não pôde ser desvinculada dessa pesquisa porque todos defendiam, como Lopes, a sobrevivência da literatura de cordel, elemento constitutivo do universo cultural nordestino. Assim, a história dos sujeitos e a coleta de dados não se separaram.

Dessa forma, buscou-se apoio também na pesquisa participante. Para nortear a questão histórica dos sujeitos desse trabalho, considerou-se as palavras de Ezpeleta (1989) sobre o universo subjetivo na construção dos dados:

Quase sistematicamente a pesquisa participante coloca a origem de classe do pesquisador como um obstáculo, como uma espécie de estigma (ou de culpa) que pode interferir tanto na produção de conhecimentos como na relação com os sujeitos envolvidos em seu trabalho. Contraditoriamente, costuma-se apelar para a maior competência intelectual do pesquisador a fim de atribuir-lhe o papel de elaborador que devolve aos setores populares seu próprio conhecimento, só que organizado e mais elaborado etc. (p.81).

Além da característica eminentemente subjetiva pelas razões já explicitadas, essa pesquisa teve como pano de fundo as relações tensas existentes entre as classes sociais. Assim, esse trabalho teve uma identificação muito forte com a classe popular, conseqüentemente, a pesquisa participante, juntamente com a pesquisa-ação, foi a que se apresentou como a ideal para desenvolvermos os procedimentos metodológicos.

### 3.2. OS SUJEITOS-PARTICIPANTES/ESPAÇOS

Para responder à pergunta expressa na problemática (qual o principal obstáculo que dificulta a utilização dos textos de cordel, como material de apoio didático, no cotidiano escolar em Petrolina-PE?), dois grupos foram constituídos: um de professores e o outro de alunos.

A formação desses dois grupos justificou-se pela construção da coerência entre o problema/hipótese desse trabalho. Se o problema fazia parte do universo prático docente, naturalmente os participantes deveriam ser estudantes e professores, os dois principais sujeitos do cotidiano escolar.

O grupo de professores foi formado por 84 educadores de jovens e adultos da Rede Estadual de Educação (EJA) de Pernambuco, quando fomos convidados a participar de um encontro promovido pela Diretoria Regional de Educação, coordenando uma oficina sobre a literatura de cordel na sala de aula (pressupostos teóricos e metodológicos).

Em cada grupo, havia quarenta e dois professores. Foram realizados dois encontros, em dias diferentes, que aconteceram na Escola João Barracão, uma escola pública estadual. A

inscrição era feita voluntariamente, ou seja, o professor escolhia o tema do seminário/oficina, uma vez que havia vários temas, além da literatura de cordel, à disposição dos educadores, como impactos ambientais, sexualidade, trabalho e cidadania. Dessa forma, o grupo de professores foi formado por causa do interesse que eles tinham em saber como trabalhar com o cordel na sala de aula, isto é, configurou-se o universo cooperativo/participativo porque todos tinham o mesmo objetivo.

O grupo de alunos foi formado na Escola Geo Petrolina. Das quatro turmas do 1º ano do Ensino Médio dessa escola, foram escolhidas, como universo representativo, duas (1º A e 1º B) para a colaboração na pesquisa. No total, 72 estudantes, durante dois meses, participaram desse trabalho.

A escolha dessa escola se deu também porque nela lecionamos as disciplinas Filosofia e Técnicas de Redação no Ensino Médio. A coleta de dados aconteceu no desenvolvimento dos trabalhos de Filosofia.

Os sujeitos-participantes dos dois grupos são da cidade de Petrolina-PE, Sertão de Pernambuco, espaço em que aconteceu a construção dos dados dessa pesquisa.

Assim, os grupos cooperativos/participativos (de alunos e professores) de que fala Thiollent foram formados para que os dados fossem coletados, conforme técnicas próprias da pesquisa-ação/participante.

### 3.3. AS TÉCNICAS

Na primeira etapa, nos dois grupos, os sujeitos-participantes envolvidos nessa pesquisa foram observados, através da observação participante. Como fase exploratória, foi utilizado também um questionário (roteiro em anexo) em que as perguntas giravam em torno do saber sobre a literatura de cordel. O objetivo principal era identificar o que eles sabiam sobre a literatura de cordel. Partimos do que entendemos como saber à luz das considerações de McNiff (1992), o qual assinala sobre o tema que:

A concepção mais popular do saber o define como um conjunto de fatos, de informações ou de conhecimentos que existem dentro de fontes de referência livres, bases de dados, cartas, fórmulas, outras pessoas. Esse tipo de conhecimento é chamado saber objetivo. Existe uma outra forma de saber, ligada à primeira, que denominamos saber fazer: eu sei como utilizar um computador, como dirigir um carro (...) a suposição é que o saber objetivo está ancorado na percepção sensorial. (pág. 22).

Recorreu-se, também, na elaboração desse questionário, à definição de saber formal/saber informal apresentada por Thiollent (1996: pág. 67). Para ele, *“O saber formal dos especialistas/pesquisadores é dotado de certa abstração e o saber informal (dos participantes) é baseado na experiência concreta”*.

O outro momento foi caracterizado pelas entrevistas coletivas. O objetivo dessa etapa era discutir, em eventos com estrutura de seminários, o saber formal sobre o cordel. Assim, com as informações coletadas com a aplicação do questionário, foram realizados debates propícios para a compreensão, por parte dos sujeitos-participantes, do que era o cordel.

Partiu-se do pressuposto de que, confirmada a hipótese (de que o cordel não é utilizado no espaço escolar porque professores e alunos não conhecem, formalmente, esse tipo de literatura), possibilitar esse conhecimento era suficiente para a inclusão do cordel no espaço escolar.

Nessa etapa, exercemos a função de pesquisador-especialista, visto que acumulamos um conhecimento formal considerável sobre o cordel. Então, as informações sobre essa literatura (linguagem, estrutura de rimas e estrofes, universo temático, xilogravura, produção e leitura) foram repassadas para os participantes.

Essas duas técnicas (aplicação de questionário e as entrevistas) forneceram os dados para a construção, coletiva, de uma proposta de ação, tanto no grupo dos alunos quanto no dos professores. Essa proposta direcionou os passos restantes da pesquisa.

### 3.4. PROPOSTA DE AÇÃO

Depois de alguns encontros em que o assunto foi discutido, ficaram acertadas as ações que seriam desenvolvidas pelos participantes. Nos dois grupos, a primeira foi caracterizada pela leitura de livros de cordel. Essa ação se baseou no princípio lógico que os participantes precisavam ter uma relação concreta com cordel, ou seja, fazendo a leitura seria possível visualizar melhor o que tinha sido discutido na etapa anterior (aprendizagem sobre o cordel).

No grupo dos professores, foi solicitado, então, que cada um escolhesse um livro, entre os que estavam expostos (num total de 104 livros pertencentes ao nosso acervo pessoal), à disposição dos participantes. A escolha deles foi aleatória, motivada apenas pelo título e o desenho da capa.

Em seguida, os educadores socializaram a história lida. Cada fez um resumo oral sobre a narrativa, os temas presentes nela e, finalmente, apresentava um olhar argumentativo/opinião sobre o livro. Nos últimos encontros, os professores-participantes elaboraram um plano de aula e/ou roteiro, incluindo a literatura de cordel como material de apoio didático (ver cópia de planos em anexo). Esses planos/roteiros serviram para testar a eficácia da hipótese/diretriz desse trabalho.

No grupo dos alunos, a escolha do livro para a leitura foi feita aleatoriamente também. Depois da leitura, os alunos também fizeram um resumo só na linguagem escrita e em duplas, por uma opção didática, uma vez que as atividades eram desenvolvidas em sala de aula e foi preciso organizar o tempo disponível para vivenciar os conteúdos, tendo como auxílio didático o cordel.

Nesse grupo, foi abordada também a questão do saber formal sobre o cordel, uma vez que foi confirmada a idéia de que os alunos não detinham tal saber. Depois, durante a explanação dos conteúdos ética e moral, os estudantes retomaram as histórias de cordel e procuram passagens que exemplificassem o que foi explicado por nós. Por último, a avaliação escrita (em anexo) sobre os conteúdos teve como base essas histórias.

Os dados coletados nesses dois grupos foram analisados qualitativamente e em seguida socializados entre os participantes. Por último, foi feita divulgação externa em escolas públicas (na Escola Humberto Soares e de Magistério) e através de artigo em um jornal da cidade, o Gazzeta.

#### CAP. IV- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, discutem-se os dados coletados/construídos nessa pesquisa. É importante o binômio apresentar-discutir aparecer em um capítulo porque facilita o acompanhamento da análise do discurso aqui expressa. Parece que seguir a trilha desse discurso fica mais lógica, de fácil compreensão. Mesma opinião tem Gomes (1999: 68), quando diz que “*a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa*”.

A forma escolhida, por se tratar de uma pesquisa-ação, foi a interpretativo-argumentativa e os dados aqui analisados aparecerão com a tipologia voltada para a categorização.

Assim, discutem-se os dados que emergiram dessa pesquisa, tendo como categorias o local (a cidade de Petrolina), a escola e a literatura de cordel. Essa última foi subdividida em temas como o conhecimento formal dos participantes e as possibilidades de uso desse tipo de literatura no cotidiano escolar para a vivência de diversos conteúdos.

Como a questão apresentada nesse trabalho (explicitamente na problemática e implicitamente no próprio título) remete a uma idéia de conflito e tensão do universo

prático docente, pensamos que descrever o contexto desses conflitos numa visão macro é fundamental para compreendermos a relação cordel-escola em Petrolina-PE.

É importante analisar o tratamento dado por essa cidade a outras manifestações artísticas e culturais para chegarmos a concluir sobre postura dela em relação ao cordel. Isso porque consideramos que as escolas, nosso foco principal nessa discussão, obviamente não estão desvinculadas das amarras construídas pela cidade em que elas estão inseridas. A escola não é, portanto, um elemento separado dos movimentos da cidade.

Obviamente os dados não podem ser interpretados sem uma referência a esse espaço, pois não é possível ver a escola e seus sujeitos (o que eles dizem, sentem, fazem) desvinculados da cidade.

As observações sobre Petrolina foram construídas pelos dois grupos de pesquisa. Esses olhares estão divididos em blocos que se complementam: a terra, o homem e a luta. Pegamos um pouco da visão de Euclides da Cunha sobre o Sertão. No primeiro bloco, o olhar externo contribui decisivamente para a visão interna sobre o espaço geográfico dessa cidade que passou por transformações profundas nas últimas décadas. Esse olhar externo é de deslumbramento por causa das belezas naturais (o rio São Francisco) e estéticas (a Ponte Presidente Dutra, a Catedral, o Bodódromo etc) e pelo vigor econômico (Capital da Irrigação, a princesa do sertão).

Petrolina é uma cidade, portanto, que preza por uma estética que expulsa a literatura de cordel de seus espaços. Estamos falando da produção, quase inexistente, e da leitura, idem.



Pensar o espaço escolar significa entender, também, o contexto social em que ela está inserida. Nesse sentido, a trama de desejos e de estética implantados em Petrolina contribui, também, para a não utilização dos textos de cordel na sala de aula das escolas petrolinenses.

A análise dos resultados obtidos/construídos nesse trabalho em relação à literatura de cordel foi feita à luz da categorização. Para isso, duas categorias gerais foram utilizadas: o conhecimento sobre o cordel e a prática docente utilizando o cordel como material de apoio

#### 4.1. O CONHECIMENTO SOBRE O CORDEL

Sobre a fundamentação teórica em relação à literatura de cordel, logo nos primeiros contatos, foi observado, através do questionário e entrevistas/debates, que quase todos os alunos participantes da pesquisa não tinham conhecimento sobre o cordel (formal ou informalmente). Eles não tinham referência nenhuma sobre esse tipo de texto.

Essa informação, constatada na fase exploratória, poderia justificar a recusa dos alunos pelo cordel, uma vez que não o conheciam e a rejeição seria postura natural. No entanto, depois da etapa em que explicamos o que é a literatura de cordel e sua importância para o universo cultural nordestino, eles começaram a se interessar e no momento seguinte, o da leitura, já estavam dispostos a aceitar o cordel como texto.

Já no grupo dos professores, foi constatado, também na fase exploratória, que o conhecimento informal sobre a literatura de cordel existia. As falas dos educadores e as respostas do questionário confirmam isso:

1-“O meu pai lia muitos folhetos de cordel para nós. À noite, sentávamos para ouvir as histórias de João Grilo, da Princesa da Pedra Fina, de João de Calais e tantos outros heróis dessa literatura” (P- M.S.A).

2-“Eu lia as histórias porque meu avô pedia. De tanto ler, acabei gostando do cordel” (P-F.B.A).

3-“No início, quando era criança, só conseguia perceber o universo fantástico do cordel, com seus bravos heróis e figuras malandras, como o Camões e o Cancão de Fogo” (P-M.A.B.).

4-“O meu primeiro contato com o cordel foi num evento cultural da escola. Tínhamos de conseguir vários livros dessa literatura para a exposição que fizemos para a comunidade em comemoração folclore nordestino”(P-F.M.D.C).

---

*1-Os participantes dessa pesquisa estão codificados da seguinte forma: P para professor e A para aluno, seguido das iniciais. As falas foram anotadas durante os debates/entrevistas e também colhidas do questionário.*

6-“Os livros didáticos não trazem textos de cordel e nós ficamos sem saber como usar” (P-F.A.S.).

7-“Não sei diferenciar o cordel do repente. Acho que é a mesma coisa” (P-S.M.C).

8-“Se alguém me perguntar o que cordel eu não saberei responder” (P-G.J.S)

9-“Parece que essa literatura veio de Portugal, mas acho que ela está morrendo” (P-F.S.S).

10-“Conheço um pouco o cordel porque um aluno meu trouxe um livro sobre Lampião para a sala de aula. Fiquei curiosa e terminei pegando emprestado para ler. Quero aprender mais sobre esse tipo de literatura”

(P-C-B.M.M).

Em quase todas as frases, existe a referência ao conhecimento informal sobre o cordel (exemplos disso são as falas 1, 2 e 3). Os professores sabiam sobre a literatura de cordel e esse saber se alicerçava nas histórias familiares: o pai que gostava de ler; a mãe pedia para alguém ler o cordel; o avô era apreciador das cantorias de viola/repentistas.

Já em outras falas, percebeu-se não haver segurança o suficiente para o uso do cordel na sala de aula, na vivência de diversos conteúdos (falas 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10).

O fato de o livro didático não contemplar esse tipo de texto também se configurou como um reforço da insegurança dos professores quanto ao uso da literatura de cordel (fala 6).

Sobre o saber voltado para as causas da não utilização dos livros de cordel no cotidiano escolar, os participantes, tanto do grupo dos alunos quanto dos docentes, afirmaram, em sua maioria, que a falta do conhecimento formal sobre esse tipo de texto é o principal obstáculo. Abaixo, segue uma síntese das falas sobre esse aspecto:

1-“Falta de incentivo cultural e educacional” (A-G.A.-1º B)

2-“Falta de conhecimento dos professores” (A-F.M.B.-1º A)

3- “A falta de conhecimento, interesse e incentivo” (P- M.S.S)

4- “O desconhecimento desse tipo de literatura pelos professores” (P-R-R-M.C)

5- “A falta de conhecimento de muita gente aliada à pressão do currículo, que muitas escolas o tem como algo estático, inflexível, além de uma cultura de massas que busca o lucro. A escola deveria produzir uma cultura para as massas. Infelizmente não é o que acontece” (P-C.S.C).

6- “A falta de informação sobre esse tipo de literatura” (A- W.S.R.-1º B).

7- “De certa forma a literatura de cordel é ignorada pelas escolas da região, aliás pelas escolas de todas as regiões do Brasil” (P-I.L.M.).

A falta de conhecimento sobre a literatura de cordel foi vista como o obstáculo principal que impede a utilização dessa literatura no cotidiano escolar. Todas as falas, tanto de alunos quanto de professores, remetem a essa idéia.

Em 5, existe uma referência ao currículo escolar. Para C.S.C (P), a escola o encara como algo inflexível, pronto para ser colocado em prática, não permitindo mudanças, adequações. O conhecimento desse docente permite dizer que o cordel não é aceito, também, pela escola porque a idéia de currículo aceita pela escola é conservadora.

Quanto ao conhecimento veiculado pela e na escola sobre a literatura de cordel, o grupo de professores, depois da fundamentação teórica, posicionou-se assim:

1-“O professor é preconceituoso em relação ao cordel talvez pela falta de informação e de estudo, aprofundamento nesta literatura” (M.F.P.B.S).

2-“Alguns professores acham que é uma literatura menor. Talvez por falta de conhecimento” (P. A.)

“Alguns afirmam que é negócio de matuto” (A. S. M)

3-“Tenho quatro anos de experiência na educação e desde então nunca foi mencionado o tema nos encontros pedagógicos como sugestão de trabalho nessa área” (W)

4-“Nos planejamentos, pouco se fala do cordel” (J.J.S)

5-“As pessoas não têm base teórica para trabalhar esse assunto” (V.L)

6-“Na escola há prioridade para os conteúdos do livro didático e existe nesses livros a preferência para ensinar a linguagem dominante” (M.S.A.N)

Na frase de M.S.A.N. (6), há uma análise sensata da relação que o livro didático tem com a escola. É lugar-comum nos encontros pedagógicos a afirmação de que o livro didático adotou a escola quando deveria ser o oposto. Partindo desse pressuposto, é lícito considerar a falta de fundamentação teórica do professor sobre o cordel como consequência, também, desse silêncio desse tipo de material de apoio, pois os textos de cordel raramente são veiculados nos livros didáticos.

Assim, ficou claro, nesses depoimentos, que o cordel não é contemplado nos planejamentos da escola (bimestrais, semestrais ou anuais), conforme a fala, principalmente de J.J.S (4). Os docentes apontaram várias causas para isso. Entre elas, a principal foi a falta de conhecimento formal sobre essa literatura.

No entanto, a postura adotada nas políticas do governo federal interfere muito também. Quando o MEC avalia e aprova os livros didáticos que não contemplam o cordel em seus textos, está, implicitamente, dizendo ser essa postura natural e concordando, portanto, com a exclusão dessa literatura no currículo escolar.

Depois de confirmarem que a falta da fundamentação/conhecimento sobre o cordel é o principal obstáculo que dificulta o uso dessa literatura no espaço escola petrolinense, resposta que obteve maior percentual, o questionário e as entrevistas/os debates mostraram que 39% dos professores não acham que há preconceito por parte dos docentes em relação ao cordel; 37%, ao contrário, acreditam que sim e 24% não sabem.

Dessa forma, ficou evidente nas respostas que, de fato, era a falta do conhecimento formal que impossibilitava o uso do cordel no cotidiano escolar petrolinense.

#### 4.2. CORDEL: DO CONHECIMENTO À PRÁTICA

Após a construção de conhecimento formal sobre a literatura de cordel, foi possível testar o uso desse tipo de texto nos dois grupos. No dos alunos, foram lidos diversos livros (alguns estão em anexo). Essas histórias serviram para materializar os conteúdos ética e moral, ministrados na disciplina Filosofia, e estrutura do texto narrativo, em Técnica de Redação.

Foi possível trabalhar conteúdos de forma convergente, ou seja, foi realizada a interdisciplinaridade entre as disciplinas de Técnicas de Redação e de Filosofia. Os pressupostos teóricos vistos em uma foram aplicados em outra. Por exemplo, a estrutura do

texto narrativo, conteúdo de Redação, foi utilizada para desenvolver atividades em Filosofia e os postulados da ética. tema de Filosofia, teve de ser abordada em Redação nas discussões sobre possíveis temas de vestibular e a importância dela no cotidiano.

O primeiro momento dessas atividades envolvendo o cordel como material de apoio didático constituiu-se da divulgação/explanação do conteúdo programático para os dois meses seguintes.

A próxima etapa foi a sugestão metodológica. Utilizamos o livro didático como suporte teórico, mas aproveitamos também a literatura de cordel com tal finalidade.

As turmas aceitaram sem contestação, mesmo não conhecendo esse tipo de texto, para surpresa nossa, pois pensava que eles recusariam por pertencerem ao universo urbano e sem nenhuma experiência com esse tipo de leitura. Os alunos receberam esse tipo de literatura como ela é, acima de tudo: um texto, mais um texto. Isso facilitou a aceitação, com certeza.

Como passo seguinte, houve uma explanação sobre a literatura de cordel. Depois, os alunos escolheram um livro para ler na própria sala de aula, considerando que esse livros são pequenos, com uma quantidade de páginas que varia entre 4 e 32, e o tempo, 90 minutos (duas aulas) foi suficiente para a maioria concluir a leitura. Aqueles que não conseguiram, uma média de três em cada turma, puderam levar o livro para casa e terminar a atividade. Em seguida, os alunos foram convidados a resumir a história lida, utilizando a estrutura do texto narrativo em prosa ( a estrutura narrativa do cordel é em versos).



Em Filosofia, houve a explanação, nos moldes de conferência/debate, do tema ética. O livro didático foi utilizado nessa atividade, além de apostilas. Depois dessa explanação, foram sugeridos exercício em que o aluno deveria identificar algum elemento da ética (grega, cristã, conceito de valor universal) na história de cordel lida por ele. Essa atividade culminou com a inclusão da literatura de cordel em uma das avaliações escritas de Filosofia, em duplas, realizada dentro do calendário da escola.

Alguns comentários/as respostas dos alunos sobre alguns tópicos dessa avaliação estão transcritos logo a seguir. Neles, existe a demonstração de que a solução foi testada e aprovada, ou seja, com o conhecimento formal dos professores e alunos, a literatura de cordel pode ser utilizada no espaço escolar. Sem esse conhecimento, o cordel continuará sendo visto como algo exótico e desvinculado do processo de construção/veiculação de saberes. Vamos perceber nessas respostas que o conhecimento sobre a ética foi construído com o auxílio do cordel como texto que ele é.

É preciso registrar/comentar outro mito que se construiu em torno da utilização do livro didático na escola. Nessa atividade, foi possível provar que é possível “fugir” do autoritarismo do livro. Em nenhum momento a coordenação pedagógica e /ou direção da escola interferiu, obrigando-nos a “seguir” o que estava no livro didático.

Seguem transcritos, portanto, fragmentos dos exemplos dos alunos sobre ética retirados dos livros de cordel. Essas frases são um resumo das respostas às perguntas da avaliação

escrita de Filosofia, feita em duplas (o roteiro dessa avaliação está em anexo), em que usamos o cordel como principal referência didática:

1-“No livro de cordel ‘Vida e Morte de Frei Damião’, há a justiça porque ele dava aos pobres luz e paz. Ele, enfrentando a situação, soube ser gente que faz” (L. e P-1º B)

2-“Em ‘O Pavão Misterioso’, de José Camelo de Melo Resende, Creusa acusa o pai de não deixá-la ser feliz. Assim, ele está em busca da felicidade, pondo em primeiro lugar os seus desejos e esquecendo o coletivo - elemento da ética grega- (M. e C.-1º A)

3-“ Em ‘História do boi leitão ou o vaqueiro que não mentia”, como o próprio título indica, o vaqueiro é honesto e lutava pela realização dos seus desejos individuais, pela paixão”.( L. e T-1º C)

4-“No cordel ‘O Monstro sem alma”, a felicidade não depende da relação com Deus. Gilmar, o herói, tenta construir a paz derrotando um monstro que não tem alma, ou seja, não se identifica com o ser humano”.  
( A.E . e P. H. -1º B)

Percebemos nessas falas que os conceitos de ética estavam voltados para a coletividade e construção do destino. Em 1, por exemplo, Frei Damião é ético porque ajuda os pobres. Já em 2, a personagem Creusa quer ser dona de sua felicidade, estabelecendo, inclusive, uma relação de conflito com o próprio pai.

Portanto, nesse grupo, o dos alunos, a literatura de cordel foi utilizada como material de apoio para a abordagem de conteúdos da disciplina Técnicas de Redação (estrutura do texto narrativo) e Filosofia (ética e moral). Isso só foi possível porque foi construído, antes, o conhecimento sobre esse tipo de literatura.

Já no grupo dos docentes, esse fazer prático, consubstanciado pelo conhecimento formal construído anteriormente, os participantes foram convidados construir um plano/roteiro de aula em que o cordel fosse utilizado como material de apoio didático (alguns modelos em anexo).

Quanto aos conteúdos/temas/atividades que poderiam ser trabalhados/vivenciados no espaço escolar com o apoio da literatura de cordel como material didático, foram citados os seguintes temas: leitura, produção de textos, linguagem, debates diversos, artes, dramatizações, rimas, fauna, flora, meio ambiente, História Geral, racismo, espaço, quatro operações matemáticas e corpo humano.

A insegurança dos professores em usar o cordel como material de apoio desapareceu. Em grupos ou individualmente, nos encontros seguintes, os docentes já estavam seguros sobre a possível metodologia a ser utilizada na abordagem de diversos conteúdos na sala de aula, tendo como referência básica o cordel.

## CAP. V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Curran (2001),

Haverá novidades, com certeza, ao fim do século XX, completando estes cem anos de cordel. Mas a essência do país e seu povo não mudarão. Se cidadãos sérios vão conseguir endireitar o Brasil, só Deus sabe; entretanto, os poetas de cordel continuarão registrando os eventos, oscilando entre um louco otimismo e um pessimismo desesperado, tudo isso temperado com humor e brasilidade. E o documento ficará- uma crônica poética e popular da era. (p.246).

Para esse autor, estudioso da trama social do Brasil, a literatura de cordel acompanhará o movimento histórico brasileiro. Diferente de muitos teóricos, ele acredita não na morte do cordel, mas na sua transmutação de espaço, linguagem, enfoque e de produção. Essa análise resume bem o nosso olhar sobre esse aspecto da discussão atual sobre esse tipo de manifestação cultural nordestina. Acreditamos, assim como ele, que o cordel não morrerá e os rumos tomados por esse tipo de literatura têm uma relação direta com as mudanças sociais corridas no Brasil e, em especial, no Nordeste.

Assim, partimos do pressuposto de que a literatura de cordel não está morrendo (se estivesse, talvez não houvesse sentido na realização desse trabalho). Então foi preciso

o cordel estava desaparecendo de seu local tradicional, as feiras livres. Porém, isso não significa a morte dele e sim mudança de casa.

Há algumas décadas, era fácil comprar esse tipo de livro em tais espaços. Isso ficou difícil nos últimos anos. Foi então que visualizamos a escola como novo espaço para acolher o cordel. De repente, o susto: novo? A escola não devia já estar usando o cordel há muito tempo? Surge, então, a questão central desse trabalho: qual o principal obstáculo que dificulta a utilização do cordel no espaço escolar petrolinense? Fez-se a luz, então.

Para responder a essa pergunta, surgiram as questões diretivas. Elas se constituíram num universo multifacetado, pois cada uma delas se mostrou bastante forte para responder ao questionamento central desse trabalho. Elencamos, então, várias possíveis respostas.

A primeira foi a falta de afetividade dos principais sujeitos envolvidos na situação educativa sistematizada (professor e aluno) em relação ao cordel, ou seja, o obstáculo seria o não gostar do cordel por causa do contexto social petrolinense, uma cidade voltada para a estética da alta tecnologia.

Outra que se apresentou bastante convincente foi a falta de material didático (livro) versando sobre o cordel. A idéia era a de isso impossibilitava o seu uso no espaço escolar, uma vez que a escola depende excessivamente desse manual de apoio. Em seguida, o possível preconceito em relação ao cordel, por ser identificado com as classes populares, surgiu como um forte candidato para responder à questão.

Assim, esses elementos, às vezes, constituíam-se imbricados na própria questão. Eles passavam a fazer, dessa forma, parte do universo da questão de pesquisa. Então, passamos a considerar no plural o que queria descobrir: quais os obstáculos que dificultam o uso do cordel no espaço escolar petrolinense? Com o andamento dos trabalhos, voltamos para o singular e vislumbramos apenas uma questão diretiva, nascida da nossa experiência profissional, para tentar responder à pergunta e que estava baseada na falta do conhecimento formal dos professores sobre a literatura de cordel.

Considerar essa questão como válida nesse trabalho pressupunha como lícita a afirmação de que o cordel é, acima de tudo, texto. Essa certeza foi importante para situar o cordel no universo escolar, pois esse espaço trabalha, essencialmente, com textos, os mais diversos. Obviamente, nem todos os textos conseguem entrar nesse espaço e o cordel faz parte desse universo de exclusão.

Para identificar o principal motivo dessa exclusão foi necessário, antes, entender os elementos constitutivos do texto. Nesse sentido, a lingüística forneceu subsídios valiosíssimos nesse trabalho. Ela possibilitou, entre outros aspectos, uma clareza maior para a explicação da falta de fundamentação teórica dos professores sobre a literatura de cordel. Foi na lingüística buscou-se o principal apoio teórico sobre o conceito de texto, discurso, enunciação, enunciado e formação discursiva para analisar a relação dos docentes com o cordel.

No caminho trilhado em busca da confirmação da hipótese e da sustentação teórica, encontramos a filosofia como um campo fértil de apoio. Não poderia deixar de ser diferente, uma vez que um dos panos de fundo dessa pesquisa é a linguagem e ela (a linguagem) não poder ser explicada sem o auxílio da filosofia.

A relação Bem X Mal e o conflito da luta, presente nos textos de cordel, pôde ser melhor entendida com os pressupostos teóricos da filosofia. A trama social e os processos subjetivos, aspectos do universo filosófico, também se constituíram elementos de forte presença nessa pesquisa.

Sem perder de vista o caminho que seria trilhado, tendo como suporte teórico a filosofia e a lingüística, questionamos muitos aspectos já bastante estudados em outros trabalhos de pesquisa. A nomenclatura “cordel”, por exemplo, não nos pareceu importante no quadro de discussão que se coloca atualmente. Não nos parece questão sine qua non perguntar se o correto é cordel ou literatura popular nordestina. Outras questões, no nosso olhar, são mais importantes.

Entre essas questões, o que é cordel, que texto pode ser considerado como parte desse tipo de literatura, recebeu atenção especial. Isso se justifica porque o universo dessa pesquisa é o pedagógico e como, alguns professores pedem para que seus alunos façam cordel, foi importante deixar claro, nessa pesquisa, como vemos a constituição desse tipo de texto.

Outro aspecto importante, nessa discussão envolvendo texto, formação discursivas, enunciado e enunciação e conflito Bem X Mal foi o uso da xilogravura como parte integrante do universo cordeliano. Percebemos que tal produção passou por mutações de forma, embora o conteúdo não seja muito diferente daquele apresentado há décadas.

Finalmente, percebemos que a literatura de cordel é expulsa de alguns espaços por causa de fatores externos variados. Em Petrolina, a constituição histórica da cidade possibilitou isso, pois a estética da alta tecnologia não contempla o universo rural e aparentemente rude, atrasado do cordel, uma vez que esse tipo de literatura representa muito mais os movimentos locais nordestinos do que os de esfera global.

Ainda considerando essa formação discursiva, percebeu-se que os alunos têm interesse em aprender mais sobre a literatura de cordel, pois entendem, intuitivamente, que ela é um texto e, como tal, elemento que atravessa suas atividades profissionais.

Em relação ao grupo docente, a falta de afetividade, antes apresentada como possível hipótese, configurou-se, nessa pesquisa, como uma variável. Percebemos que essa afetividade, na verdade, existe por causa da interferência da família dos professores: um pai leitor, um avô que gosta da cantoria, alguém que lia no terreiro etc. Ao contrário do que eu imaginava, os professores têm muita vontade de utilizar o cordel em suas atividades. Talvez como retribuição ao pai, avô, mãe que gostavam e fizeram com que eles gostassem também dessa manifestação artístico-cultural.



De fato, a falta de fundamentação teórica dos professores sobre a literatura de cordel fez com que eles não usassem esse tipo de texto nas suas atividades. Então, o contato dos docentes com o cordel se dá numa relação de leitor e apreciador. Isso provoca um olhar de admiração, mas não é suficiente para que eles levem o cordel para a sala da aula.

Portanto, em outras pesquisas sobre a literatura de cordel, fica aqui a sugestão de investigar com mais profundidade essa relação do professor com cordel numa perspectiva de utilização no universo da sala de aula.

Analisar como o conhecimento produzido pela Academia poderia ser canalizado para os docentes talvez fosse uma saída. Isso porque o cordel é um texto investigado nas universidades, passa por instituições como museus e chega a um número limitado de leitores.

O movimento/caminho feito pelo cordel é, portanto, diferente daquele percorrido por outros textos, os da literatura convencional, por exemplo. Esses recebem o carimbo do Ministério da Educação e Cultura, vão para as secretarias de educação (estaduais e municipais), passam pela escola e chegam às mãos dos alunos (leitores). Para que o cordel também chegue aos alunos e esses se constituam leitores daquele, parece que é preciso fazer um entrecruzamento desses movimentos que têm na universidade e no MEC as maiores autoridades, aquelas que determinam o destino de alguns textos. Muitos vão para a vala dos excluídos pela escola, como o cordel. É como se eles não veiculassem nenhum saber e, portanto, não pudessem ser utilizados no espaço escolar.

É preciso, no entanto, dizer que o professor é livre para escolher os textos que circulam no espaço escolar. Assim, a prática docente é constituída por escolhas. Nesse sentido, para o cordel ser utilizado como material de apoio a postura do professor é fundamental.

Para que o professor possa utilizar o cordel como material de apoio durante o ano letivo, e não apenas em eventos esporádicos, é preciso conhecer tal tipo de texto e ter acesso a ele. Sugerimos, portanto, que o acesso aos livros de cordel, bem como as formas de utilização deles na sala de aula sejam temas norteadores de outros trabalhos de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia Azevedo de. Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos. Campinas, UNICAMP, 1993.
- ÂNGELO, Assis. Presença dos cordelistas em São Paulo. São Paulo: IBRASA, 1986.
- ASSARÉ, Patativa. Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRANDÃO, Helena Nagamine (coordenadora). Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, MEC/SEF, 1998
- BORGES, José Francisco. Poesia e gravura de J. Borges. Recife: ed. do autor, 1993.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. Discurso e ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CAROS AMIGOS-REVISTA- ano VI, nº 64, julho de 2002.
- CURRAN, Mark. História do Brasil em cordel. São Paulo: Edusp, 2001. Patativa
- CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência. São Paulo: brasiliense, 1994.
- CULT 54 –Revista brasileira de literatura-ano V-janeiro de 2002. São Paulo: Lemos &Editorial, 2002.
- DEPARTAMENTO DE LETRAS/UFPE. Anais. I Congresso internacional de literatura nordestina. Recife, 1998.
- DÍEGUES JÚNIOR, Manuel (et alli). Literatura popular em verso: estudos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

- EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie. Pesquisa Participante. São Paulo, Cortez, 1989.
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore. Linguística textual: Introdução, Cortez, São Paulo, 1998
- GADOTTI, Moacir. Concepção dialética da educação, São Paulo Cortez, 1987.
- GEERTZ, Clifford. O saber local. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GERALDI, João Wanderley. Linguagem e ensino. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1996.
- KUNZ, Martine. Cordel- a voz do verso. Secretaria da Cultura e do Desporto do Ceará, 2001.
- LINHARES, Francisco & BATISTA, Otacílio. Antologia ilustrada dos cantadores. Fortaleza, Edições UFC, 1982
- LOPES, José de Ribamar (org.). Literatura de cordel. Antologia, 3 ed. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.
- MAXADO, Franklin. Cordel, xilogravura e ilustrações. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.
- McNIFF, Jean. Creating a good order through action research. Bournemouth: Hyde. Publicacions, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social. Petrópolis: Vozes, 1994.

- McNIFF, Jean. Creating a good order through action research. Bournemouth: Hyde Publications, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Multiculturalismo crítico. São Paulo, Cortez, 1997.
- NICOLA, José de. Literatura brasileira. São Paulo: Scipione, 1998.
- NOVA, Sebastião Vila. Arte e cultura. Uma Perspectiva social. Recife: Bagaço, 1995.
- PENNA, Maura. O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo Erundina". São Paulo, Cortez, 1992.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- ROSA, Ubiratan. Minidicionário Rideel da língua portuguesa. São Paulo: Rideel, 2000.
- SAMUEL, Rogel (org.) Manual de teoria literária, Petrópolis, Vozes, 1985.
- SANTOS, Iraci & GAUTHIER, Jacques. A sócio-poética: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa, vivência. Rio de Janeiro, UERJ, DEPEX NAPE, 1996.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura, São Paulo, Cortez, 1982.
- SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SUASSUNA, Ariano. Auto da compadecida. Rio de Janeiro: Agir, 2000.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1996.
- XAVIER, Maria do Socorro Cardoso. Tesouro redescoberto- a riqueza do folheto em verso. João Pessoa: editora universitária-UFPB, 2002.
- ZACCUR, Edwiges (org). A magia da linguagem. Rio de Janeiro: DP&A:SEPE, 1998.

## LIVROS DE CORDEL CONSULTADOS

AMARAL, Firmino Teixeira. Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum. São Paulo: Luzeiro (sem data).

BARROS, Lenadro Gomes de. Vida e Testamento de Cancão de Fogo. São Paulo: Luzeiro (sem data).

\_\_\_\_\_ A força do amor, a morte de Alonso e a vingança de Marina.  
São Paulo: Luzeiro (sem data).

BATISTA, Francisco das Chagas. Antônio Silvino. São Paulo: Luzeiro (sem indicação de data).

FERNANDES, Olegário. O atentado terrorista e o nosso sofrimento. Caruaru-PE: ed. do autor, 2001.

FILHO, Manoel d'Almeida. Os cabras de Lampião. São Paulo: Luzeiro (sem data)

\_\_\_\_\_ Vida, vingança e morte de Corisco. São Paulo: Luzeiro (sem data).

\_\_\_\_\_ Zé Baiano, vida e morte. São Paulo: Luzeiro (sem data)

\_\_\_\_\_ A mulher que enganou o Diabo. São Paulo: Luzeiro (sem data).

\_\_\_\_\_ Padre Cícero, o santo do Juazeiro. São Paulo: Luzeiro (sem data).

\_\_\_\_\_ O presidente Tancredo Neves. São Paulo: Luzeiro (sem data).

HOMERO, Olinda. Vida, agonia e morte de Frei Damião. Recife: ed. do autor (sem data ).

LIMA, Luiz Gonzaga. O encontro de Lampião com Saturnino no Inferno. São Paulo: Luzeiro (sem data).

LIMA, Natanael de. O ferreiro das três idades. São Paulo: Luzeiro (sem data).

LIMA, João Severiano de. O pai que forçou a filha na sexta-feira da paixão. São Paulo: Luzeiro (sem data).

NETO, João Pedro C. Besta do horror. Fortaleza: ed. do autor, 2001.

REZENDE, José Camelo de Melo. Pavão misterioso. São Paulo: Luzeiro (sem data).

SOBRINHO, Joaquim Luiz. Os martírios de uma mãe. São Paulo: Luzeiro (sem data).

SOUZA, Arlindo Pinto de. Festa da bicharada. São Paulo: Luzeiro (sem data).

SANTOS, Enéias Tavares dos. Carta de Roberto Carlos a Satanás. São Paulo: Luzeiro (sem data).

SANTOS, Antônio Teodoro dos. Maria Bonita, a mulher cangaço. São Paulo: Luzeiro (sem indicação de data).

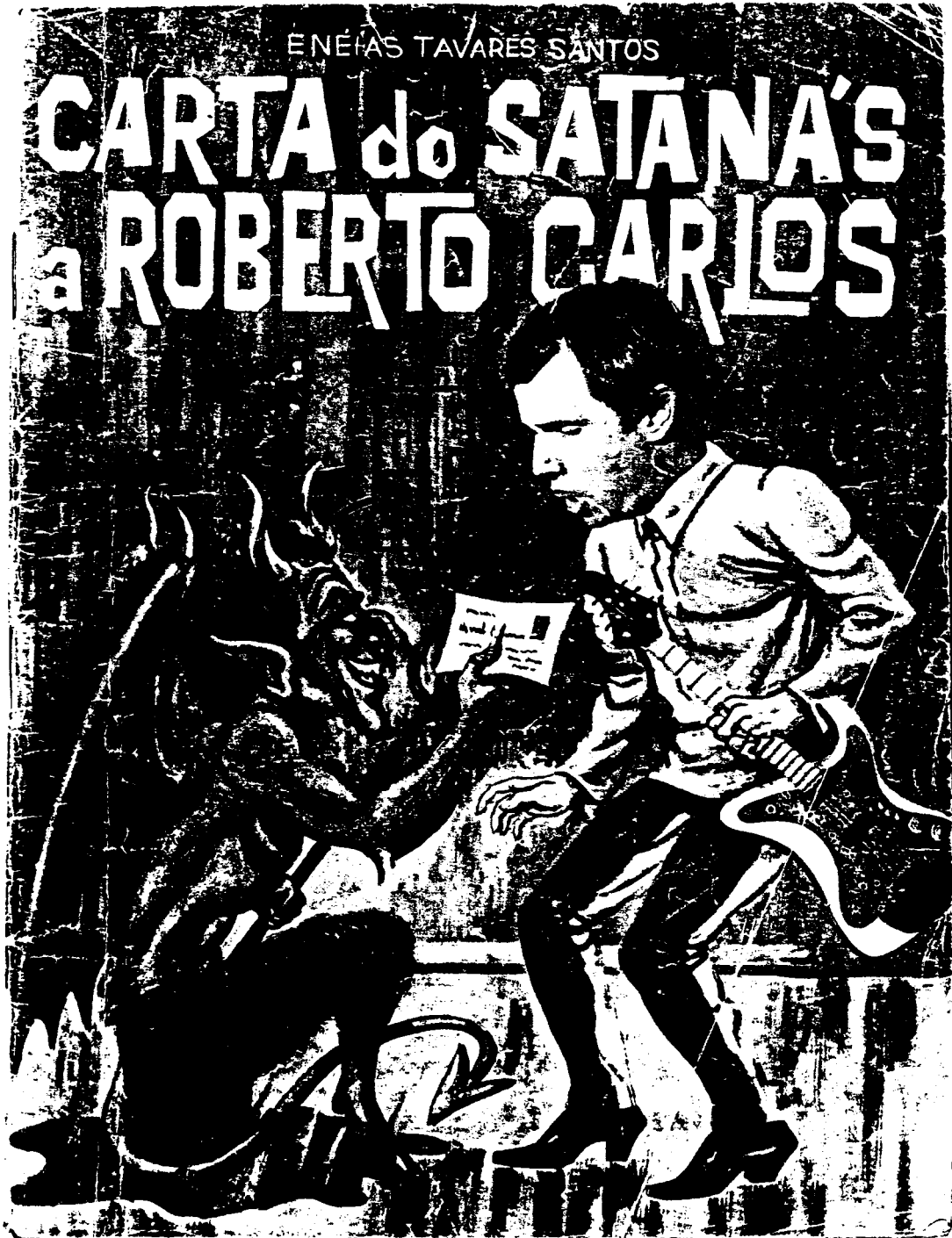
SANTOS, Valeriano Félix dos. A mulher que se casou dezoito vezes. São Paulo: Luzeiro (sem data).

SILVA, Minelvino Francisco. História do vaqueiro Damião. São Paulo: Luzeiro (sem data)

SILVA, Delarme Monteiro. Joana D'Arc, a heroína da França. São Paulo: Luzeiro (sem indicação de data).

ANEXO 1: DESENHO UTILIZADO ATUALMENTE NAS CAPAS DOS  
LIVROS DE CORDEL MAIORES (ROMANCES)





ANEXO 2: XILOGRAVURA, DESENHO UTILIZADO NA CAPA DO FOLHETO, LIVRO MENOR DE CORDEL

# O Atentado Terrorista e o Nosso Sofrimento



— Autor: Olegário Fernandes —

**ANEXO 3: RESUMO DO ROTEIRO DOS SEMINÁRIOS/ENTREVISTAS  
UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS**

ROTEIRO DA PALESTRA-GRUPO DE DISCUSSÃO- EMAAF (27-7-01)  
GRUPO-PESQUISADOR: PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE  
HISTÓRIA DO BRASIL -ESCOLA MARECHAL ANTÔNIO ALVES FILHO-  
EMAAF(PETROLINA)  
DATA: 27 DE JULHO DE 2001  
HORÁRIO: DAS 19H ÀS 20H30

1-BREVE APRESENTAÇÃO DO GRUPO

2-POSSÍVEL CONTRATO

3-QUESTIONÁRIO

4-EXPLANAÇÃO

4.1. ERUDITO E POPULAR

4.1.1. CLASSES SOCIAIS

4.1.2. ESPAÇOS

4.1.3. COMPORTAMENTOS

4.1.4. CULINÁRIA

4.1.5. ARTE

..MÚSICA

..PINTURA

..ARTES PLÁSTICAS

..DANÇA

..TEATRO

..LITERATURA (ERUDITA E POPULAR)

4.2. REPENTE E CORDEL

4.3. CORDEL

4.3.1. HISTÓRIA

4.3.2. TEMAS (FANTÁSTICO, HERÓICO, OBSCENO, HISTÓRICO, RELIGIOSO,  
FENÔMENOS DA NATUREZA, COSTUMES, PELEJAS)

4.3.3. ESTRUTURA POÉTICA

4.3.4. ANÁLISE DE UM CORDEL

4.3.5. DISCUSSÃO/QUESTIONAMENTOS

5- QUESTIONÁRIOS

6- ENCERRAMENTO

ANEXO 4: QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA FASE  
EXPLORATÓRIA NOS DOIS GRUPOS DE PESQUISA

UNIVERSIDADE DO QUÉBEC-CHICOUTIMI  
 UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
 MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
 MESTRANDO: GENIVALDO DO NASCIMENTO  
 TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: LITERATURA DE CORDEL X ESPAÇO ESCOLAR EM PETROLINA-  
 PE

Por gentileza, responda às perguntas abaixo sobre a literatura de cordel:

1-Você estuda que série?

2-Você considera seu conhecimento sobre o cordel.

- pouco
- muito
- regular
- bom
- nenhum

3-A quantidade de trabalhos/informações sobre o cordel na escola é:

- muita
- pouca
- regular
- inexistente
- não sabe

4-Sobre a implantação da disciplina literatura de cordel na escola, você é:

- a favor
- contra
- não sabe
- indiferente

5-A quantidade de livros de cordel lidos por você é:

- 0
- 1
- 2
- 3
- 4
- mais que 4

6-Você conhece alguma biblioteca em Petrolina que possui em seu acervo, à disposição do público, livros de cordel?

- sim
- não

Em caso afirmativo, quantas? \_\_\_\_\_

7-Cite dois obstáculos que dificultam o aproveitamento, pelas escolas de Petrolina e durante todo o ano letivo, dos livros de cordel como material didático.

8-O que você acha da postura do professor que pede para o aluno fazer literatura de cordel?

9-A melhor definição para literatura de cordel, para você, é:

- texto literário
- literatura popular nordestina em versos
- manifestação folclórica nordestina
- manifestação artística nordestina
- crônica jornalística

10-Sobre a morte do cordel, você acha que:

- vai acontecer em pouco tempo
- vai acontecer, mas não é agora
- não vai acontecer. O cordel sofrerá mudanças como sofreu em vários períodos históricos.
- não sabe opinar

11-Você é da Região Nordeste?

- sim
- não

ANEXO 5: AVALIAÇÃO DE FILSOFIA EM QUE O CORDEL FOI  
UTILIZADO COMO APORTE TEÓRICO





## AVALIAÇÃO CONTÍNUA 2 DE FILOSOFIA I ETAPA/2002

### ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): \_\_\_\_\_ Nº.: \_\_\_\_\_  
 SÉRIE: 1º ANO TURMA: \_\_\_\_\_ PROF.: GENIVALDO  
 DATA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

### OBSERVAÇÕES:

01. Preencha o cabeçalho acima corretamente;
02. Leia cada questão com bastante atenção, procurando compreender o que está sendo pedido;
03. O fiscal só deverá ser chamado se a avaliação apresentar algum problema gráfico, ou caso você necessite sair da sala;
04. Ao término, releia toda a avaliação para conferir se suas respostas estão completas e corretas;
05. Verifique sua ortografia e faça as correções necessárias;
06. Procure realizar sua avaliação com letra legível e organização;
07. Evite o uso de corretivo ou similar nesta avaliação. Caso erre nas questões abertas, use parênteses. Nas questões de assinalar, rasura implicará na anulação da questão;
08. Não deixe sua prova a lápis, pois perderá o direito de reclamar sobre qualquer questão;
09. Não poderá reclamar sobre questões subjetivas que estejam rasuradas, riscadas ou com corretivo;
10. Todos os cálculos deverão estar na avaliação.

### CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

- USO DA NORMA CULTA DA LINGUAGEM(3,0): -----
- CLAREZA NO USO DA LINGUAGEM ESCRITA(3,0):-----
- RESPOSTAS CERTAS E BEM JUSTIFICADAS (4,0):-----

Todas as perguntas/questões abaixo têm como referência o livro de cordel, lido e analisado em sala, intitulado -----

----- . Ao responder, utilize passagens (estrofes, versos, ações) dele como justificativa.

1- Existe algum elemento da ética grega no livro analisado? Qual? Explique/justifique.

2- A ética cristã está, de alguma forma, representada no livro analisado? Justifique.